

Stadium

N.º 35 ★ 4 de Agosto de 1943



JOÃO LOURENÇO
DO SPORTING

cuja exibição no domingo entusiasmou
o público (foto Nunes d'Almeida)

DESPORTIVO DA PROVÍNCIA

A PENÚLTIMA semana desportiva caracterizou-se por uma série de triunfos e realizações que marcam o progresso da província. A expansão do desporto alarga-se cada vez mais — o maior número de núcleos de população ou o maior número de clubes em cada localidade. Ha por isso a sensação agradável de um progresso não só evidente, mas, também, firmado em provas e bases que lhe asseguram a projecção em profundidade. Análisadas as manifestações de desporto na semana em referência, chegamos, naturalmente, á conclusão de que a província trabalha com entusiasmo. Trabalha e progride. E bate-se com Lisboa, em mais de um desporto, em plano de superioridade.

Para melhor demonstração do que afirmamos, anotemos alguns dos resultados obtidos em várias provas. Em Lisboa, nos campeonatos nacionais de remo, disputados no belo estuário do Tejo, em águas talvez desconhecidas para diversos concorrentes, os títulos de maior relevo foram para a província. Em 10 corridas, houve um único triunfo lisboense — prova de «skills». O Porto ganhou 3; Figueira, 3; Barreiro 2; e Setúbal 1. O Galitos, de Aveiro, teve pouca sorte, por se haver voltado o barco em que correu. E havia conquistado, ainda, um segundo lugar. No Porto, os campeonatos nacionais de atletismo, na categoria de junior, revelaram um excelente corredor comimbricense: Abreu Lima, da Associação Académica de Coimbra, campeão nacional de 80 e 150 metros. Fez, ainda, uma corrida magnífica na estafeta de 3x300 metros. Outros concorrentes da província marcaram valor digno de registo. E o Fundão inaugurou uma piscina desportiva com a cooperação de um grupo de nadadores da Covilhã. O distrito de Castelo Branco ficou, pois, a partir do penúltimo domingo, com duas piscinas.

Tudo isto serve para dar uma ideia do entusiasmo que lavra em alguns núcleos desportivos da província — e do excelente resultado que os clubes podem tirar da entrega das suas equipas á direcção de técnicos especializados. Há por certo muitas localidades onde o desporto é ainda aspiração mais ou menos vaga. Mas aparecem também sintomas agradáveis de um progresso que é nosso dever registar e aplaudir, como estímulo para a preparação de melhores tempos em todos os desportos.

MÁRIO DE OLIVEIRA

MÁRIO SIMAS, campeão e recordmans de natação, nomeado recentemente instrutor do mesmo desporto na «Mocidade Portuguesa», partiu, há dias, de avião, para a Alemanha, onde vai especializar-se no estudo da natação. Com o desejo de feliz viagem para Mário Simas, formulamos os nossos votos de completo êxito para a missão que o conhecido atleta assumiu. A natação portuguesa, como aliás todos os desportos, precisa de bons treinadores.

OS campeonatos regionais de natação decorrem num ambiente de vibração clubista que andava afastado, há alguns anos, da piscina de Aljés. A parte um ou outro sucesso, que deviam ser êxitos, o facto contribuiu para dar maior emoção a grande parte das provas. A representação foi mais cuidada — o a luta ganhou mais brilho.

COM a entrada em pleno verão sucedem-se as provas e os campeonatos nacionais em muitos desportos. Na lista, seguem-se os campeonatos nacionais de ténis. Mas andam também a ser disputados os campeonatos de «basket» e «hockey» em patins.

PROSEGUE a série das despedidas. A que está agora para dar mais próxima é a de Leonel Costa, excelente patinador do Sport Lisboa e Benfica, única agremiação que Leonel Costa representou em torneios de patinagem e «hockey» em patins. Eis um resumo da carreira gloriosa de Leonel Costa: 22 anos de actividade, várias vezes campeão nacional, 35 vezes internacional de «hockey» em patins e ainda o melhor marcador de «goals» da selecção nacional (20 pontos, dos 65 obtidos por Portugal).

EM «hand-ball» está a preparar-se o primeiro encontro Portugal-Espanha, por iniciativa da Federação do país vizinho. O está logrem absoluto êxito as diligências em curso.

DENIRO do Sport Lisboa e Benfica está em marcha a ideia de agrupar, para exhibição de propaganda e beneficência, os jogadores de futebol que vão colendo o seu lugar na equipa de honra do popular clube. Seria a maneira mais eficaz de prolongar a actividade desportiva de jogadores que conquistaram fama — na defesa do clube e do país.

REGISTAMOS, agora, mais um exemplo do valor do desporto como elemento de atracção em coisas de turismo — o programa das Festas da Senhora da Agonia, a realizar em meados de Agosto, em Viana do Castelo, inclui duas sessões de campeonatos de natação. A natação é um desporto de brilhantes tradições em Viana do Castelo. O rio Lima foi aproveitado para a realização de campeonatos nacionais. E as provas foram sempre disputadas com muito entusiasmo.

ANO XI — Lisboa, 4 de Agosto de 1943 — II SÉRIE-N.º 35

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIÉDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

JOÃO da Silva Marques, campeão e recordmans nacional de natação nas provas de braços, não era batido há 17 anos. É uma proeza pouco vulgar entre nós. Pois João da Silva Marques não se mostrou indolente com a primeira derrota. Fimda a prova, abraçou, lealmente, o vencedor. É um exemplo que fica para a história.

A SEQUENCIA nas provas de pista no Estádio do Lumiar está produzindo excelentes resultados — os corredores têm provas e o público aparece e gosta. Faz-se, assim, boa propaganda do ciclismo.

ALBERIO Gomes, excelente corredor interior da Associação Académica de Coimbra e da selecção nacional de futebol, concluiu, há dias, a sua formatura, pela Faculdade de Letras de Coimbra. Ao dr. Alberto Gomes apresentamos as nossas saudações, desejando-lhe os melhores triunfos na carreira que vai encetar.

COIMBRA voltou ás suas jornadas de natação, na piscina construída há anos no Mondego, junto á margem do sul. Para não se perder o costume, cada série de provas acarreta a derrocada de alguns records. No último domingo, sucedeu isso mas com a nota particular de haver mais um record nacional de Maria Isabel de Jesus Costa, nos 200 metros costas. No mesmo dia em que Maria de Lourdes Bessone Bato bateu um record nacional de Maria Isabel, a jovem e valorosa nadadora comimbricense bateu um outro. É a lei das compensações.

OS últimos campeonatos regionais de natação não tiveram elezada representação feminina. Apareceram talvez mais concorrentes. Mas apareceram especialmente três nadadoras em excelente forma — Lucília Anjoja, do Aljés, em infantil; Rosa Lopes, do Aljés, em principiantes; e Maria de Lourdes Bessone Bato, do Aljés, em juniores. A natação lisboense conta presentemente com um núcleo feminino capaz de representar condignamente a capital, em próximos campeonatos nacionais.

CONTINUA a protecção oficial á propaganda dos desportos náuticos, facto que registamos com muito prazer. Dentro desta orientação, o governo redou o «Lidador», para ser aproveitado pela «Mocidade Portuguesa». Dentro do mesmo tempo, começa novo cruzeiro da «Mocidade Portuguesa» — na «Sagres».

ESTÁ marcada para 14 do mês corrente a prova oceânica Paço de Arcos-Setúbal, que tem este ano em disputa, além da taça «Wintermantel», que dá nome á regata, o trofeu «Walter Brasch». A taça «Wintermantel» é para o melhor tempo corrigido em função dos «bonos» concedidos de umas embarcações para outras; e o trofeu «Walter Brasch» distina-se ao percurso mais rápido, seja qual for a categoria ou tonelagem do barco. Há mais premios em disputa. A organização é, como de costume, da Associação Naval de Lisboa.

FALECEU recentemente o jornalista Abel Moutinho. Era uma das figuras de maior relevo no nosso pressado colega «Diário de Notícias». Era um exemplo curioso de entusiasmo pelo seu jornal — e pelas suas iniciativas. O seu entusiasmo tinha muito de comunicativo. Desempenha a função de secretario da direcção do «Diário de Notícias», quando se organizou a primeira Volta a Portugal em bicicleta, fez parte da respectiva comissão organizadora e levou a essa prova servos de grande utilidade. Não conheceu a doença. E estava sempre disposto a vencer a dificuldade. O falecimento de Abel Moutinho deixou profunda mágoa em todas as pessoas que com ele trabalhavam alguma vez. Sabia ser camarada amigo — e dirigente. A família do falecido e ao «Diário de Notícias», endereçamos sentidos pesames.

COMO prometemos, publicamos hoje os últimos depoimentos do nosso inquérito «Que pensa da última época de futebol?», no qual transmitiram as suas impressões algumas das mais cotadas figuras do futebol português.

Vejamos o que nos disseram um jornalista ilustre, um árbitro internacional, dois treinadores e um brilhante jogador.

Época satisfatória
—diz Ricardo Ornelas

A opinião de um jornalista desportivo? Eis Ricardo Ornelas, que responde à nossa chamada com a sua conhecida vivacidade e com a alta competência que mantém no jornalismo desportivo, no qual conquistou justificado prestígio.

Tem a palavra o nosso brilhante camarada:

—**Época de futebol:** Satisfatória, com fortes elementos de progresso.

Campeonato de Lisboa: Normal...

Campeonato Nacional: Brilhante, com quatro jornadas no final do maior interesse e com jogo de apreciável qualidade.

Taça de Portugal: Interessante, com uma final simpática.

O «team» do ano: Sport Lisboa e Benfica.

O «team» a que faltou saber ganhar: Be-lenenses...

Melhorámos? O pior que nos pode ter sucedido é termos estacionado. Retrocesso, respondo francamente: Não houve! Factores de desenvolvimento: Muitos, haja em vista o número de jovens (ainda jovens...) que se evidenciaram e aos quais se pode antever futuro firme, assim o Campeonato Nacional não quebre de entusiasmo, o que verosimilmente não deverá suceder. Portanto, posso acreditar que 1943 foi de facto época de progresso.

Recetas: A estatística do capitão Ribeiro dos Reis diz tudo...

Valia internacional: Ficou por provar, mas a partida «Novos-Onze de Portugal» deu belas indicações.

Árbitros: Melhorou franca, mas ainda há poucos árbitros que tenham a elevada percentagem de bons trabalhos que se lhe deve exigir. Deveria pagar-se-lhes melhor — e as receitas do Nacional mostram que o «orçamento» comporta acréscimo de despesa nesse particular.

Disciplina: Melhorou-se, mas a raiz da indisciplina não está mais nos jogadores do que nas «cliques», que têm os adversários dos seus clubes como inimigos e não como factores indispensáveis para o respectivo clube viver, desenvolver-se e criar nome.

A nota mais impressionante da época: Um clube — o Casa Pia A. C. — ter de desfazer-se de dois jogadores para assegurar um campo onde jogar... E no entanto não tem o «seu» por causas aparte da bola.

Não notei melhoria no futebol exibido — confessa Carlos Canuto

O depoimento de um árbitro não podia faltar. Escolhemos Carlos Canuto, o nosso árbitro internacional, elemento de competência e cujas arbitragens têm sido alvo dos melhores elogios, o conhecido desportista respondeu ao nosso inquérito com as seguintes palavras:

— Aparte duas ou três exhibições do Be-lenenses, nas Salésias, os restantes grupos não me satisfizeram pelo futebol exibido.

O aspecto disciplinar, nos campos, no público e nos jogadores — eis três facetas que foram plenamente alcançadas. Viu-se, com verdadeira satisfação, que se conseguiu melhorar.

A criação e a influência da Direcção Geral de Desportos trouxe ao desporto benefício considerável, em todos os aspectos. Aumentou o nível das arbitragens, o que também se deve à boa conduta dos jogadores e melhor compreensão do público. Desenha-se certa atmosfera de melhor ambiente para este momento assunto. A Direcção Geral de Desportos ficam ainda devendo todos os árbitros do país as facilidades encontradas para o desempenho da sua espinhosa missão.

Na época que findou, em minha opinião não notei melhoria no futebol exibido. Estou no entanto convencido de que se tomarão



Quando a STADIUM pergunta...

Que pensa da última época de futebol?

Depoimentos de Ricardo Ornelas, Carlos Canuto, János Biri, Carlos Alves e Adolfo Mourão.

medidas para que os principais clubes, sem se degladiarem, possam em futuro próximo, apresentar o fruto do trabalho dos seus dirigentes técnicos...

Os directores dos clubes de segundo plano passam os fins de época em constante alvoroço; ora é neste capítulo que espero ver o futebol beneficiado, para que todos os clubes possam fazer a sua escola e apresentar os frutos que os grandes clubes têm saboreado...

Quanto à parte financeira, os grandes clubes estão radiantes com os resultados obtidos...

Benefício geral
—na opinião de Biri

Na época finda, o húngaro János Biri foi, dos treinadores estrangeiros em clubes portugueses, o que conheceu o melhor triunfo. Não se deve esquecer que a boa exibição de um «team» tem a influência dos ensinamentos do seu treinador, o qual, por força das circunstâncias, se faz bom observador de toda a actividade desportiva.

Eis o que nos disse o conhecido treinador do Benfica:

— O bom ambiente disciplinar foi um dos aspectos mais agradáveis da última época. E ainda bem, porque o «caso» assumiu já aspectos de absoluta normalidade. Tanto nos jogadores como no público notei melhor comportamento. Assim, o meu «team» foi sem recelo a todo o país. E de toda esta novidade da época finda surge-nos uma magnífica realidade: foi poupado o jogador habilidoso!

Em futebol notei melhoria. Especialmente no meu grupo, que foi mais feliz e também muito melhor. Franco progresso, que espero converter em benefícios futuros.

Notei que as arbitragens foram melhoradas em face das determinações superiores.

Para mim, a época foi particularmente feliz e o desporto acusou um benefício geral!

A época finda deixou progressos
— considera Carlos Alves

Dos treinadores portugueses, Carlos Alves tem excelente passado para se impôr como valioso preparador de um grupo de futebol.

Ao que foi magnífico «defesa» olímpico sucedeu o competente treinador de futebol. Orienta o trabalho do Atlético de Portugal com todo o seu saber e dedicação.

Carlos Alves fez-nos um depoimento de-veras interessante:

— A influência da Direcção Geral de Desportos foi excelente. Organismo que se impunha, que surgiu como necessidade por todos reconhecida, apareceu na melhor altura. A sua acção fez-se sentir dentro e fora dos campos desportivos no capítulo disciplinar. As sanções aplicadas aos chamados clubes grandes foram um incitamento de obediência para os clubes pequenos.

Aproveito a ocasião para lembrar o clube que oriento tecnicamente, único da Divisão de Honra de Lisboa que soube corresponder ao pensamento do ilustre Director Geral de Desportos, a quem devemos ajudar com sinceridade, boa fé e desejo de contribuir para a acção patriótica do novo organismo — cuja criação representa um passo em frente para o desporto em Portugal.

Melhor ambiente disciplinar nos jogos, nos jogadores e no público? Sem dúvida. De facto, nos jogos a que assisti verifiquei mais disciplina. Mas... ainda está um pouco aquém do necessário. O público tem a grande quota-parte na resolução deste problema. Quando ele se convencer que não lhe assiste o direito,

lá porque paga a sua entrada, de ser malcriado para os dirigentes dos jogos e jogadores, então sim!

E qual o motivo de muitas vezes o público se tornar insolente? O desconhecimento das regras do jogo. Lembro a quem de direito a conveniência da sua distribuição aos espectadores, quando da compra do bilhete de entrada. Era um grande passo para debelar esse mal. Não penso na necessidade dos jogadores adquirirem essas regras, porque os treinadores têm obrigação, primeiro que tudo, nas lições teóricas, de as ensinar e fazer compreender aos seus pupilos. A primeira vista parece que este assunto não tem importância, mas para mim, como treinador, considero-o um dos principais. Tenho a certeza de que oitenta por cento, pelo menos, dos que praticam o futebol, desconhecem quasi por completo as suas regras. Tem de se arrear caminho, de maneira que jogadores e árbitros se entendam como «gentlemen».

O futebol, na época agora terminada, não nos trouxe revelações. Os progressos do futebol português — à parte a disciplina — terá visos de verdade conforme a expansão que derem ao Campeonato Nacional da 1.ª Divisão na futura época.

Os árbitros, conforme o sistema que estão adoptando (diagonal) carecem de preparação aturada, como qualquer atleta. Não admito que actualmente haja erros de visão.

Tem-se progredido muito nas arbitragens, mas carecem de melhor aperfeiçoamento.

De maneira geral, penso que a época finda deixou progressos para a época futura.

A recordação da última época...
— feita por Adolfo Mourão

Dos jogadores de futebol a preferir para arquivarmos a sua opinião a propósito deste inquérito, estava indiscutivelmente indicado Adolfo Mourão. Elemento de tão grande prestígio no futebol nacional, desportista de magnífico exemplo, deixou — a festa de homenagem recentemente efectuada foi de facto festa de despedida, assim no-lo afirmou — no futebol português um lugar de excelente relevo, pela sua irrepreensível conduta de desportista disciplinado e pela ideia pura com que sempre encarou a actividade dos seus quinze anos de praticante do desporto.

Mourão, o habilidoso jogador sportinguista e capitão do «team» nacional, dá-nos a sua opinião — autorizada e conscienciosa.

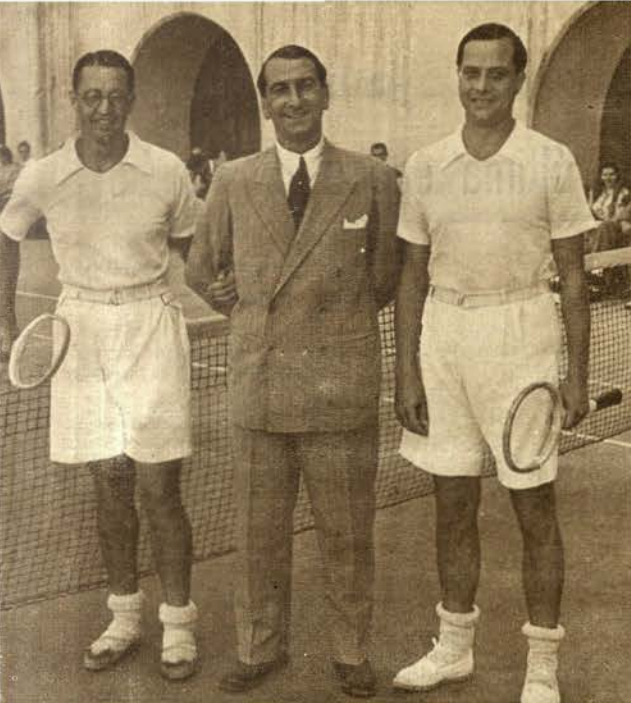
— O aspecto disciplinar foi, quanto a mim, o mais importante pormenor da última época de futebol. Só jogadores desordeceiros podem não achar bem a intervenção da Direcção Geral de Desportos na organização e disciplina do futebol. E julgo, assim, interpretar o pensamento dos jogadores portugueses de futebol — que de maneira geral são todos correctos.

O futebol de 1942-43 não apresentou nenhuma novidade. De resto o futebol de há dois anos a esta data «parou». É certo que o público compareceu em elevado numero e com o seu melhor entusiasmo, mas maior seria o interesse se o futebol nacional se rodeasse do verdadeiro apoio, tão necessário para se conseguir «fazer» a «gente nova» que não aparece.

A falta de uma escola de jogadores em cada clube é o grande, se não o principal motivo de enfraquecimento. Os clubes — principalmente os grandes clubes — pouco se têm preocupado com este pormenor, preferindo gastar somas importantes com elementos estranhos, que nem sempre correspondem

(Conclusão na pág. 20)

Domingo DESPORTIVO



José Roquete, novo campeão nacional de "tennis" de 1.^ª cat., com Eduardo Ricciardi e Serra Moura, árbitro do encontro final



Artur Mendes da Silva, um Júnior que bateu o "record" dos 400 metros costas de todas as categorias e Rosa Lopes, que conquistou também vários "records"



Os finalistas de 2.^ª cat., Prata Dias (novo campeão) e W. Orton



Os vencedores da taça "Stadium"



Os concorrentes às provas de natação no festival de homenagem à Imprensa

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

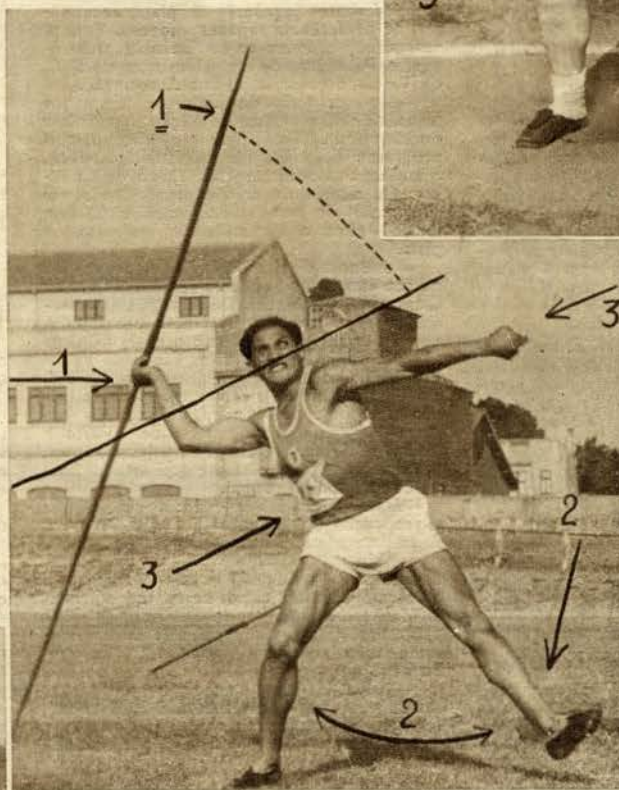
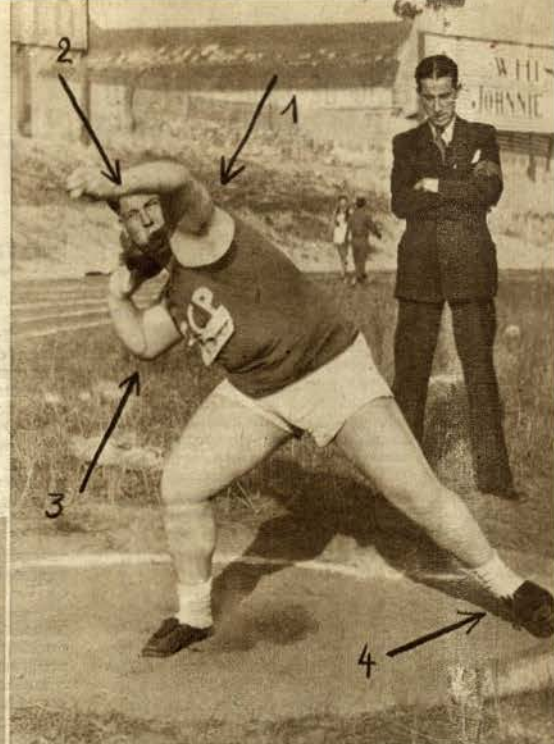
1 — Carlos Valente, segundo classificado no campeonato nacional de júniores. — Posição correspondente ao final da translação no círculo e atitude do lançador para início da impulsão do pé: muito correcta.

1 — Tronco descaído sobre a perna posterior e com o eixo escapular em rotação de 90°, permitindo o aproveitamento do trabalho dos dorso-lombares em complemento do impulso resultante da extensão da perna direita.

2 — Braço esquerdo fletido, cotovelo alto e puxado adiante (talvez insuficientemente puxado adiante), na posição conveniente para executar o movimento de tração posterior e inferior que promove a rotação sinistrórgica da cintura escapular, indispensável para dar apoio e aceleração inicial à estirada fulminante do braço, que remata o exercício.

3 — Cotovelo direito bem afastado do tronco, ao mesmo nível do ombro, mão segurando o péso de palma voltada para diante e dando apoio pela zona metacarpo-falângica. A mão aparece aqui demasiado afastada da fossa supra-clavicular, devido talvez a dificuldade de flexão mais completa do cotovelo por motivo do considerável perímetro do braço e antebraço.

4 — O pé vai ao apoio no solo no prolongamento do eixo do membro inferior quasi estendido, avançando para baixo e para diante, e não para baixo e para trás (erro frequente quando a elevação anterior da perna é exagerada). Anotamos aqui o único defeito importante no estilo: o pé assenta transversalmente, quando devia assentar com a extremidade digi-



tal voltada no sentido do lançamento.

2 — Anselmo Pereira, campeão nacional júnior.

1 — O braço direito devia estar estendido à retaguarda, a mão descaída no prolongamento da linha escapular; a posição do dardo, perto da vertical, é inverosímil, pois devia ser aproximadamente aquela que a nossa linha indica, paralela ao eixo dos braços e mantendo a extremidade anterior do projectil diante do olhar do lançador.

2 — O pé esquerdo vem à frente com a perna estendida e larga abertura do compasso (não perdia

sendo ainda maior) mas colhemos da fotografia a impressão de haver discordância entre a passada e o trabalho do braço, cuja chicotada parece aqui estar em plena execução, a-pesar-do pé esquerdo ainda não ter tomado apoio. A manobra de lançamento propriamente dita só deve começar depois de concluído o terceiro passo especial (este) e tomando o pé como fulcro do círculo de projecção.

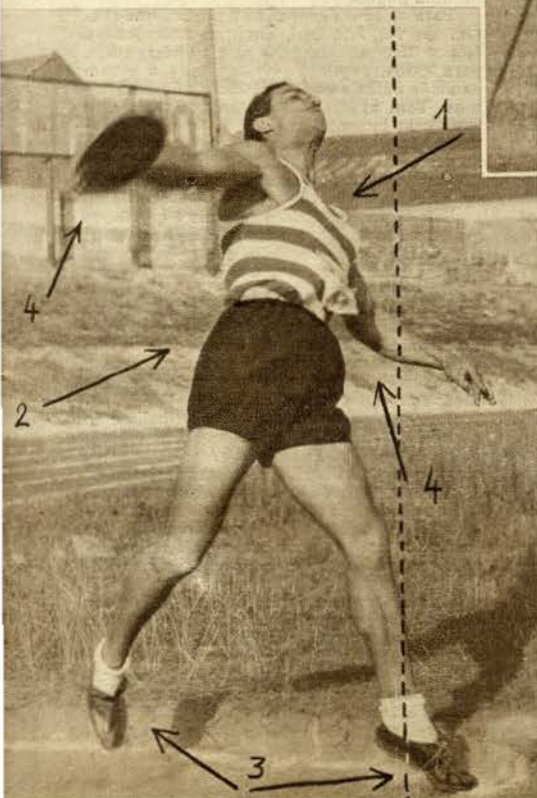
3 — Em relação à fase do lançamento (julgada pela posição das pernas) a flexão lateral do tronco sobre a anca direita é insuficiente e a extensão anterior do braço é prematura; mas, conforme acima escrevemos, é possível que haja antecipação nas manobras de lançamento e as posições do tronco e braço não sejam as que correspondem ao momento da passada, mas sim aquelas relativas à posição de apoio final.

3 — José Luís Nunes da Silva, campeão nacional júnior. 1 — O tronco está recuado; devia ocupar a linha correspondente ao apoio do pé, de forma que o centro de gravidade se não encontrasse relativamente atrasado. Existe também uma flexão lateral do tronco à esquerda que é, pelo menos, desnecessária.

2 — A anca direita não avançou o suficiente, precedendo o ombro, a-fim-de assegurar base ao movimento de distorsão do tronco que precede o golpe de fundo do braço. O motivo deste erro é a insuficiente impulsão da perna direita.

3 — Péssima posição dos pés, que não asseguram o apoio suficiente: o esquerdo devia estar em apoio completo, passivo, e o direito devia empurrar pela extremidade anterior bem firme no terreno.

4 — O recuo e descida do cotovelo esquerdo são certos, bem como a posição do braço direito, que vai largar o disco ao nível do ombro e na passagem pelo plano transversal do tronco.



Aos meus camaradas:

VOU encerrar a série de crónicas que em volta do «prestígio de uma profissão» tenho publicado na «Stadium».

Da parte de alguns — talvez dos mais humildes e mais apagados obreiros da imprensa desportiva, mas também, talvez, dos mais sinceros e dedicados batalhadores desta causa nobre — tenho recebido incitamentos para prosseguir, no desejo de concorrer, dentro da minha bitola, para que o jornalismo desportivo em Portugal seja tomado a sério por todos, deixando de ser forma de criar prosélitos, de constituir «galerias», vivendo como conjunto amorfo, que tanto diz hoje como desdiz amanhã, que tanto aplaude agora como reprova depois.

Militando no jornalismo desportivo há alguns anos — não sou dos mais velhos na especialidade, mas também não sou dos mais recentes — tenho verificado, com desgosto, que já não é hoje a grande escola de desportivismo de outrora. Por que se perderam os grandes nomes que o elevaram? Por que se afastaram os seus melhores ornamentos? Por que falharam os doutrinários da Imprensa? Não. O mal é outro.

A imprensa sofre do contágio que contaminou os dirigentes e os praticantes. Para a Imprensa vieram elementos mal ou insuficientemente preparados, porque o «struggle for life» é hoje uma divisa aceita, embora mal compreendida por muitos. Entrou-se no regime do profissionalismo, com todos os seus erros — quando poderiam ser virtudes, se, da parte de quem dirige, houvesse critério, ponderação e sentido selectivo na escolha dos colaboradores.

Ano após ano, época após época, nas bancadas da Imprensa desportiva surgem elementos novos, uns com habilidade e conhecimentos, obreiros ideais de um ideal de beleza sem igual; outros mirando só o escândalo, o desejo preconcebido de verem o seu nome, em letra de forma, no rodapé dos seus escritos. Assistimos, conflagrados, ao declínio dos artigos doutrinários; jornalistas que fizeram nome e carreira escrevendo muito bem, com ricos ensinamentos, perdem-se hoje em questões inglorias, satisfazendo interesses de paixões clubistas ou servindo facções.

Temos assistido a este derruir de uma mentalidade que se formou dentro de certo jornalismo desportivo — ao qual os desportos ficaram devendo as mais belas páginas da sua história nacional.

Porquê? Responda quem puder a esta interrogação.

Depois, erradamente, fechou-se a porta da grande Imprensa aos que «vinham por bem», aos que sentiam dentro de si, cintilante, a chama do mais belo ideal desportivo. Fez-se o que se chamava antigamente «caixinhas», e que apelidarei agora de «vácuos».

Ora é este sistema que eu desejaria ver destruído. Se os desportos precisam de quem os sirva bem, de quem ministre ensinamentos técnicos ou noções de civismo e de doutrina desportiva, chamem-se e acarinhem-se aqueles que estão no desporto pelo desporto, que vivem para o desporto, muito embora o façam profissionalmente. Porque o ser-se profissional não quer dizer que se tenham perdido todas as boas qualidades de acção, de critério e de compreensão de deveres.

Não defendo nem combate o profissionalismo.

Não defendo nem combate o amadorismo.

Combato os maus, sejam eles quais forem — defendo os bons, muito embora sejam meus adversários.

Acima de tudo, e por tudo, os sagrados interesses do desporto nacional.

Por eles me bato, e a eles me tenho dedicado, consagrando-lhe as melhores horas do meu repouso.

E se isto pode constituir um erro, se isto é uma invasão dos direitos de cada um, eu peço a todos os meus camaradas que me perdoem, que me desculpem, porque o fiz na melhor das intenções, por melhor ideal desportivo e, acima de tudo isso, porque o fiz a bem do desporto!

MÁRIO AFONSO

Notas... sem valor

DISCUTE-SE ainda nos «mentideros» da boia a «oferta» do Estoril-Praia a António Nunes, médio-centro do Futebol Clube do Porto. Um dirigente do seu clube, muito surpreendido com a «informação», argumentou: é impossível modificar a orientação do meu clube.

— O Sporting Clube de Braga tem, pelo visto, muitas «esperanças» no seu grupo de futebol na próxima época. Com bastante tempo, para ficar seguro, fez o seu «trabalho» futebolístico... Entrou em «conversações» com diferentes jogadores de plano secundário, de preferência rapazes «novos». Tem já assegurado o concurso de Soeiro, guarda-rédes, e Palmeira, defesa, elementos do F. C. de Vizela, ou seja da mesma Associação.

— Os nacionais de júniores, disputados nesta cidade, serviram de «lição» aos clubes portugueses... Três equipas a fomentar o progresso do atletismo nacional — Benfica, Sporting e Associação Académica de Coimbra. Os atletas da cidade universitária, em proporção do seu valor, contribuiriam — e muito — para a expansão do desporto de pista.

— A época do «basket-ball» portuense está no seu «terminus», encerra-se com a final do Campeonato Nacional. Dois grupos da Associação do Porto têm bastantes possibilidades de trazer para o Porto o título máximo — F. C. do Porto e Sporting Clube de Vasco da Gama. O campeão de Portugal, «safou-se», em Coimbra, no jogo com o Sport Coninbriense. O jogo de sábado, entre os dois melhores agrupamentos desta cidade — Porto e Vasco da Gama, decidiu já o finalista. Temos, portanto, um representante do Porto na final do Campeonato Nacional.

— Mais um «balão» lançado: no «hand-ball» a realização do «celebre» Portugal-Espanha. A «malta» gostou imenso da «piada»...

— Numa Associação regional, já bastante conhecida no país pelas suas organizações, o ambiente directivo é, por vezes, incompreensível. A «insistência» de determinado dirigente, mal interpretada pelos restantes, motivou uma «quebra» — safu um dos «cabeças»...

— Novas estrelas do ciclismo portuense: António de Almeida e António de Azevedo. Os rapazes preparam-se todos os domingos, com os seus «passaios»... velocipédicos. São bons «trepadores».

— A saída de Valongo do F. C. do Porto para o seu primeiro clube, o Leixões, foi ventilada no meio directivo. O guarda-rédes do F. C. do Porto, bastante surpreendido com certa «amabilidade», tomou, definitivamente, uma resolução — não jogar na próxima época pela turma portista. Entre amigos, numa mesa do café Excelsior, Valongo fez o seu juramento...

— Tem agora mais emoção o futuro jogo, desta vez no «rink» do Lima. Representa, para os «donos da casa», um bom «handicap». A cidade do Porto tem presentemente duas equipas bem «apetrechadas» para o Nacional.

— Nas duas jornadas — especialmente na última — discutiu-se muito e acertou-se pouco... A classificação dos 80 metros, foi uma barbaridade dos «infantis»... Pouca ordem na pista, e sobretudo falta de personalidade desportiva de certos membros do júri.

— O contracto dos atletas na pista com o júri, é o reflexo dos maus princípios dos dirigentes do atletismo portuense. Numa prova — lançamento de peso — um concorrente foi «áspero» para um dos membros do júri. Falou ali um «pulso» firme para dominar os engraçados.

— A formação da equipa de «basket-ball» do Boavista, na próxima época, é um dos primeiros problemas da C. A. Com um campo bem localizado, o Boavista volta a dar o seu valioso concurso à modalidade.

As nossas organizações

«Stadium» — revista para todos os desportistas — está elaborando, por intermédio da delegação no Porto, um programa de realizações destinadas a movimentar algumas das modalidades desportivas no nosso meio.

Assim tem em projecto vários torneios, alguns já assegurados, outros dependendo da fixação de datas.

Para já, isto é, dentro de duas semanas, pouco mais ou menos, teremos um torneio de «hockey» em patins, para o qual deram a sua adesão verbal — a palavra dum desportista é oiro do melhor quilate... — os seguintes agrupamentos: Infante de Sagres, Académico do Porto, Académica de Espinho e Estrela e Vigorosa Sport.

Escusado será dizer que neste ou noutros torneios, com entradas pagas, daremos aos nossos leitores a compensação merecida pela maneira carinhosa como têm acolhido «Stadium» nesta cidade.

A seu tempo indicaremos a data definitiva do torneio, local de realização, etc.

IMPRESSÕES...

VOLLEY-BALL

PODERIA anteceder este título, cujo lacunismo nada diz, com palavras bonitas a rodeá-lo, engrinaldando-o em flores de encómio, — coisas balofas que nada dizem e que são contrárias ao meu leito.

Prefiro não o fazer, e, sem torcer nem forçar a sinceridade que uso, antes desejo comentar e informar, dando aos leitores a impressão do que penso do «volley-ball» depois que o vi jogar, pela primeira vez, no encontro entre as selecções do Porto e de Coimbra.

Começarei por dizer que o «volley-ball» não é modalidade como aquelas que grande parte do nosso público deseja, isto é, a modalidade em que o choque entre os contendores, a luta com mais ou menos desportivismo, constitue o grande cartaz, a grande atracção de uma pugna.

Para os são desportistas, porém, que gostam de ver luta leal, em que a técnica e a tática têm de falar para que a vitória surja, para esses, repito, o «volley-ball» é a modalidade única, aquela que todos nós idealizamos. Tem ainda, sobre todas as outras, esta vantagem incomparável: é que não pode haver empates na sua disputa; ou se ganha, ou se perde! Um único senão: é que o jogo tanto pode durar uma escassa meia hora como 60 ou mais minutos...

Mas o que lhes posso garantir é que esses minutos são de intensa emoção, de luta tenaz, de forma tal que não pode haver um jogador parado no seu conjunto de «seis». Todos têm de lutar, todos têm de «puxar». E mais: não há lugares especializados: no «volley-ball» tanto se é defesa como avançado, uma vez que as «mudanças de serviço» assim o determinam, em sistema de rotação que leva os seus homens a girar no sentido dos ponteiros do relógio.

Tal como aconteceu ao «basket-ball» e ao «hand-ball», o «volley-ball» luta, de início, com falta de público. Entre nós, só os estudantes e os rapazes da «mocidade» o praticam. Pena é, pois não conheço outro desporto mais saulutar e mais dependente de uma gymnastica criteriosa. O «volley-ball» é um desporto que exige do seu praticante energia a rodos, robustez e grande agilidade, quer dizer, mobilidade desconcertante.

Embora os jogadores estejam colocados em campos separados, tendo entre si uma rede, por tanto sem possibilidade de choque, a rapidez com que é jogado e as fases caprichosas que surgem durante as jogadas tornam-no aceitável, mesmo por quem o vê pela primeira vez.

(Conclue na pág. 10)

OS CICLISTAS PORTUGUESES

que regressaram de Espanha foram condignos representantes da velocipedista nacional

A PÓS dois meses de ausência, tempo esse mais do que suficiente para demonstrar quanto valiam técnica e atléticamente, regressaram a Portugal os conhecidos ciclistas Alberto Raposo, João Lourenço, Eduardo Lopes e José Martins, que haviam partido para Espanha a fim de correrem nas principais pistas daquella pais.

Do que foi o comportamento dos corredores lusitanos, no que diz respeito a resultados desportivos, já a imprensa fez circunstanciados relatos. E do «cartel» deixado em todos os velódromos visitados também os jornais, sobretudo os espanhóis, fizeram larga referência. São todavia desconhecidos muitos e interessantes episódios dessa famosa e singular digressão — famosa pela maneira como decorreu e singular em seus aspectos de propaganda e valorização da velocipedista nacional.

COMO É DIFERENTE O CICLISMO EM ESPANHA...

Não correram os portugueses em Espanha tal qual o fazem entre nós. Faltou-lhes lá o ambiente clubista que habitualmente os acarinha em suas terras; não tiveram a acolhida dos delegados e dirigentes, que são para eles pessoas desveladas e solícitas; e sobretudo tiveram ainda de tratar de tudo que lhes era necessário para correr, desde a alimentação à massagem, incluindo a reparação de máquinas e material.

Eduardo Lopes e Lourenço, por exemplo, menos folgasões que Raposo e Martins, diziam á chegada: «Foram dois meses em bolandas, de malas às costas, com máquinas e rodas dependuradas nos braços, tarefa que só por si chegavam para nos arrasar»...

Consequência directa da organização diferente do ciclismo espanhol, os corredores lusos lutaram de facto em ambiente para eles estranho e pouco comodo — e isso, só por si, seria suficiente para tornar meritoso o esforço despendido e os resultados conquistados.

Mas não foi só a falta de cuidados, para eles peculiares, que tornou árdua e por vezes ingrata a missão a cumprir. Lourenço, Lopes, Martins e Raposo saíram de Portugal convidados como sendo apenas quatro corredores da primeira categoria — mas chegados ao país vizinho a imprensa, organizadores e adversários consideraram-nos legítimos representantes do ciclismo português. E então, rodeados de rivalidade sempre crescente, em ambientes verdadeiramente apaixonados, fizeram-nos correr, com as mais fortes «coligações», nas mais inverosímeis provas e na mais singular das maneiras...

Mas nunca os corredores portugueses se intimidaram perante a classe dos adversários nem tão pouco deixaram menos prestigiado o ciclismo lusitano. Souberam vencer sempre com galhardia, honrando as cores das camisolas que envergavam.

TRIUNFOS EM SÉRIE

Disputaram os portugueses onze provas durante a sua estadia em Espanha. Dessas competições, oito foram ganhas pelos nossos competidores.

E nas vezes em que não triunfaram perseguiu-os a infelicidade: quedas de Lourenço

e Lopes e indisposições de Raposo e Martins. Atléticamente — nunca os lusitanos saíram derrotados.

Principiou a série de vitórias no segundo festival efectuado em Barcelona. João Lourenço e Eduardo Lopes, que uma queda havia prejudicado na primeira organização da capital catalã, relegando os portugueses para o terceiro lugar, lutaram com tal brio que puderam vencer sucessivamente Plans e Lompart em «6 séries» seguidas. Resultado desse memorável «match» de velocidade: 1.º — Lourenço, 2.º — Lopes!

Nesse dia também o «duo» Raposo-Martins venceu, numa perseguição de 15 voltas, e por mais de 50 metros, a dura equipa Sancho-Martín.

Houve, ainda, no mesmo festival, uma corrida de 1 hora, individual, com «sprints» de 5 em 5 voltas — uma bagatela! Vitória nítida de Eduardo Lopes a quem Sancho deu réplica condigna. Lourenço, Martins e Raposo, em dia de menor rendimento, deixaram meter de pernoço alguns espanhóis.

Foi todavia de fraca duração essa superioridade dos espanhóis, por terem ganho também a corrida de eliminação, por intermédio de Lompart. Na pista de Palma de Maiorca, Lourenço e Lopes derrotaram, simultaneamente, os campeões Plans e Lompart, e José Martins, nesse dia «irresistível», venceu uma corrida que não era da sua especialidade — «critério» com «sprints» de 3 em 3 voltas — não só todos os espanhóis como até os próprios compatriotas. Nesse festival, Lompart, Canals e Bover tiveram de se contentar com as últimas classificações...

AS ÚNICAS MÁS TARDES

Foi na segunda reunião de Palma de Maiorca que os portugueses sentiram de facto o travo da derrota — mas isto depois de haverem demonstrado superioridade. Andava á frente, com a bagatela de 83 pontos, o duo Lopes-Lourenço. Este, porém, principiou a carburar mal, por causa do seu estômago. Sem ver o perigo que disso advinha, Martins deliberou atacar desordenadamente, levando na sua roda Fombelida. Mau transe esse para os portugueses, porque o maior, mais rápido que os nossos, não só ganhou uma volta como anulou toda a vantagem dos lusos. Resultado: vitória de Bover e Fombelida, seguidos de Plans e Sancho e de Martins e Raposo.

Infelizes em Vilafranca de Panadés, pois Lopes, por ter ficado com um dedo esmagado, provocou o abandono de Lourenço, os portugueses viram triunfar numa prova de 2 horas á americana o duo Samelo-Plans; mas no festival de Tortosa, a pesar da grave queda de Lourenço, quando seguia na cabeça de parceria com Lopes, a equipa Raposo — Martins fez frente aos espanhóis Olmos, Delio, Barrendero, Lompart Elis e Martin, vencendo-os a todos pela bagatela de 2 voltas!

Uma saída em falso, ainda no canodromo de Barcelona — e isto porque Lopes partiu o guidão numa queda, obrigando Lourenço a fazer equipa com Lompart — eis que os portugueses, depois de Martins e Raposo terem conquistado o terceiro lugar nesta prova, voltam a triunfar inintermitentemente até abandonarem Espanha...

DESPEDIDA CONDIGNA

Marcaram os organizadores o festival de despedida dos lusitanos para a pista de Barcelona. Lá se correram provas de velocidade, de perseguição por equipas e uma americana de 1 hora. Resultados: Vitória de Lopes sobre Plans, vingando-se assim da derrota que este havia infligido a Lourenço, por sinal sofrendo bastante de um cotovelo; vitória da «trindade» Raposo — Martins — Lopes, em

Uma opinião

No «Diário da Noitias» de 22 de Julho, na secção «As idéas, os homens, os factos», subscrita pelo illustre jornalista sr. Vitor Falcão, o desporto é objecto de curiosas observações.

«Éa excelente prosa, como é sua norma», de brilho e espirito cintilante, o sr. Vitor Falcão analisa e profunda a essência do desporto e a sua evolução em Portugal.

Inicialmente afirma que nunca entre nós se falou tanto de desporto como agora — e congratula-se por tal. Espera-se depois em considerações largas e de magnífica obscuração sobre o que é «desporto». E diz — com a devida venia vamos transcrever:

«Uma das melhores virtudes do desporto, aquella que mais o enobrecce, é a de educar o espirito. Com effeito, genuinos plebeus, mal providos de instrução e até de civilidade, conseguem suprir estas deficiências á medida que se vão tornando verdadeiros desportistas; e alguns conhece eu, nads e criados no misero ambiente dos proletários, que me têm surpreendido não só pelo asuro das suas man-lras mas também pelas preferências da sua intelligéncia e pela sua elegância moral. Evidentemente, para as pessoas assim metamorfosadas, o desporto é mais alguma coisa que um bello e salutar divertimento.»

Ignoramos — diad-moio muito sinceramente — quais os conhecimentos desportivos do sr. Vitor Falcão. Mas o pensamento transcrito acima corresponde por completo á verdade e revela o espirito observador do distinto jornalista. Todo o artigo, de resto, é certojo laudobrio das predicações do desporto. E condena a sua prática por indivíduos que não tenham sido submetidos a rigorosa inspecção médica.

«Anomalia que tem de cessar também é a participação em provas atléticas de pobres diabos, esqueléticos, descorados, curvados, sem torais nem biceps, nem indícios de qualquer outro músculo...» — opina o sr. Vitor Falcão, para rematar mais ativamente: «Assim como, se não estou em erro, ninguém pode ser admitido como funcionário do Estado sem documentar a sua perféita validade, também se deveria exigir de quem aspira a tomar parte em provas desportivas a garant a métrica de que possue a robustez necessária para tentar o que deseja.»

Apraz ver agitar a idéa. É contributo valioso, vindo de mais a mais, de onde vem. Todavia, impõe-se um esclarecimento, em homenagem á verdade e ao esforço das coleritvidades de portugas. Creio que não haverá hoje nenhuma entidade de desporto, clube ou organismo dirigente, associacão ou federação, que permita a prática de qualquer modalidade sem prévio exame médico. Não o negamos actualment: (actualidade offeida na última mead-décia de anos) casus em e-mirário. E á futuro será cada vez mais difficil pensar penas malhas de tal obigatoriedade — filha de sansez e de prudéncia.

No futebol, on'e tantas vezes o mérito de um jogador dava azo á arbitrariedades, o spanzenmas mudou por completo. Tinha de ser assim, a hem da grá e da líria pura.

É justo, no entanto, citar esta verdade e lembrar os métodos rigorosos adoptados nos Institutos de Educação Física. Se alguém desconhecer ainda o que há feito em Portugal, em matéria de preparação desportiva, não ficará pensando que oampaia á desordem, sequer á desorientação — ou a total incompeténcia dos que dirigem o desporto português.

«Estamos, é certo, atravzados em muita coisa. Mas já deixámos há muito os arcaísmos — felizmente!...»

LANÇA MOREIRA

luta com Delio, Berrendero e Sancho; e vitória de Raposo e Martins, que suplantaram, e nitidamente, Delio, Berrendero, Lompart e Olmos.

Que melhor poderíamos desejar para concluir uma digressão que havia decorrido tão honrosamente para o desporto nacional? Julgamos que com porte tão brilhante eles cumpriram bem o seu dever, quer como atletas quer como desportistas que se prezam. Porque, a considerar pelo que deles disse: «nuestros hermanos», souberem ser tão bons corredores como desportistas.

GIL MOREIRA

... FLECHA ...

A melhor bicicleta

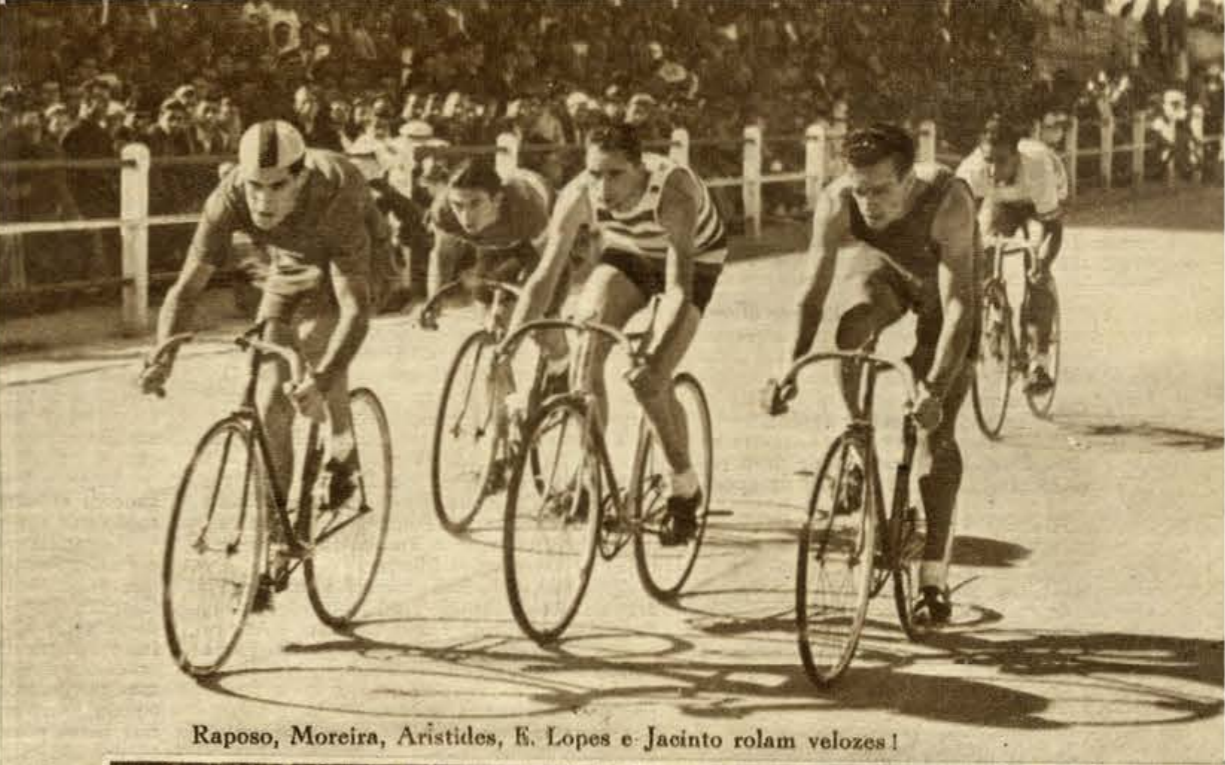
Salão de Exp. e Vendas:
L. do Intendente--LISBOA





Aristides, E. Lopes, C. Marques e Rebelo — quatro "ases" em ação.

O Ciclismo em pista Conquista de novo Público!



Raposo, Moreira, Aristides, E. Lopes e Jacinto rolam velozes!



José Martins nas "2 horas à americana"



Eduardo Lopes em pleno esforço



Nas "2 horas à americana", no momento em que Jacinto conseguiu retomar o comando

Moreira e Carvalho Marques, do F. C. do Porto



Uma fase da prova de eliminação para amadores



Um aspecto da assistência no domingo no Estádio

O torneio de «Water-polo»

organizado pela Federação de Natação com o patrocínio da «STADIUM»

CONFORME tem sido afirmado, por diversas vezes, nestas colunas, a Federação Portuguesa de Natação, com o patrocínio da «Stadium», traz presentemente em organização um torneio de «water-polo», interclubes, tendente a fazer reviver a modalidade, tirando-a do marasmo em que se encontra há nove anos. Este torneio servirá de preparação para os campeonatos regionais na época de 1944.

Há, pois, como se vê, a melhor vontade por parte da Federação, que tenciona organizar na próxima época campeonatos oficiais da modalidade, servindo portanto o próximo torneio de magnífico índice de possibilidades para dirigentes e clubes.

O torneio principal, que naturalmente mais entusiasmo irá despertar, é aquele que se reserva aos clubs da Associação de Lisboa. É para o vencedor deste torneio que se des-

QUE PENSA DA ÚLTIMA ÉPOCA DE FUTEBOL ?

(Conclusão da pág. 3)

ao valor que lhes é atribuído. E este ambiente foi-se generalizando por tal forma que qualquer jogador de «quarta» ou «quinta» categoria exige hoje, para jogar pelo clube «A» ou «B», vinte ou trinta contos, aparte o mais que lhe for atribuído durante a sua permanência no clube interessado.

Vou pela escola de jogadores, que a época há pouco terminada não tornou ainda realidade; apresentem os clubes uma categoria de puros amadores, formada com rapazes que não pudessem «amanhã» preferir esta ou aquela cor clubista, e que seriam os dignos sucessores dos elementos do seu «team» de honra, e ter-se-á dado um passo em frente na orientação e nos resultados do futebol português. Considero este o mais flagrante «caso» de interesse que a época finda não nos revelou, mas que encerra um dos mais importantes problemas do nosso futebol. Tenho esperança de que na próxima época as atenções oficiais e clubistas se detenhão sobre este momento aspecto do nosso futebol, para o valorizar e engrandecer.

As arbitragens? Eis outro aspecto importante do futebol em Portugal.

Durante os três campeonatos disputados, dois deles, o «Nacional» e a «Taça», não nos deixaram boa impressão senão quanto a dois ou três árbitros! É pouquíssimo, e traduz o lado grave do assunto. Os árbitros e as arbitragens, constituem assunto no qual há ainda muito que trabalhar. É que existe qualquer «molestia» entre os juizes de futebol portugueses que prejudica em muito o grande desporto que dirigem.

Mas, de maneira geral, a época finda deixou-me boa impressão, especialmente o motivo «Ordem», e a recordação da minha última época de jogador de futebol...

Ficam assim registadas as opiniões de algumas das mais representativas figuras do futebol português. O dirigente, o seleccionador, o jornalista, o árbitro, o jogador e o treinador, expuzeram o seu pensamento quanto à forma como decorreu a época de futebol. As suas palavras têm o interesse de poderem constituir um balanço, no qual intervieram, com o seu espírito de observação e conhecimento de causa, diversas entidades do nosso meio desportivo.

Apreciando as opiniões, verifica-se, de maneira geral, que o aspecto disciplina mereceu especial atenção aos nossos entrevistados, sendo grato verificar que todos se confessam entusiasmados com os resultados obtidos pela orientação disciplinar da Direcção Geral de Desportos.

O facto é de assinalar como motivo muito especial no decorrer de uma época de futebol que se rodeou, assim, do melhor brilhantismo.

FERNANDO SÁ

tina aos clubes da Associação de Lisboa, a taça «Stadium» oferecida pela nossa revista. Ao segundo classificado será atribuída a taça «Amigos do Water-polo no S. A. D.». Aos jogadores do grupo campeão serão conferidas medalhas comemorativas.

Todavia — e desta recente resolução não estavam informados os nossos leitores — a Federação Portuguesa de Natação, uma vez que é a entidade que superintende em toda a natação portuguesa, de norte a sul, resolveu, muito bem, alargar o âmbito da iniciativa a todas as Associações filiadas.

E, assim, a F. P. N. tomará a seu cargo a organização do torneio em Lisboa, delegando nas Associações do Porto, Coimbra e Aveiro — se o quiserem fazer — a organização de torneios nas respectivas áreas.

A província tem, assim, no caso de querer corresponder aos intuídos da F. P. N., magnífica oportunidade para tentar o desenvolvimento do «water-polo».

Por informações colhidas, sabemos que em Coimbra há entusiasmo, e do melhor, com vista à introdução do «water-polo». A avaliar por aquilo que tem feito na natação pura, guiando-se, por mérito próprio, e com grande vantagem, ao lugar de segunda Associação do país, Coimbra, disse estamos certos, não terá dificuldade em conseguir a constituição de equipas de «water-polo».

É uma questão de vontade. E vontade e espírito de iniciativa, felizmente, não faltam na cidade do Mondego.

Já aqui o afirmamos, e não cansaremos de o repetir: os organizadores serão do máximo rigor em questões de disciplina.

É preciso que todos se capacitem disso. O que se está fazendo é obra puramente construtiva, sem outros intuídos que não sejam os de fazer reviver uma modalidade desportiva interessante e útil sob diversos aspectos.

E para que vá sendo já do conhecimento geral, transcrevemos, a seguir, as disposições federativas, com vista a actos de indisciplina:

«Sobre os actos de indisciplina verificados no decorrer do torneio, independentemente das sanções previstas nos Estatutos e Regulamento, os jogadores ficam sujeitos às respectivas penalidades:

«Por jogo violento, desrespeito ao árbitro, ao adversário e à assistência, quer por palavras, quer por gestos, será o infractor punido com seis meses de suspensão».

«Os actos de agressão, quaisquer que sejam as circunstâncias em que se verificarem, serão punidos com um ano de suspensão, não constituindo atenuante a alegação de que foi agredido primeiro e de que agiu em defesa».

«Os castigos impostos aos jogadores não contam durante o tempo do defeso, pelo que ficarão em suspensão desde o dia do encerramento oficial da época de 1943 até ao dia da abertura oficial da época de 1944».

IMPRESSÕES...

VOLLEY-BALL

(Conclusão da pág. 6)

Não há «off-sides», não há «frees», não há «penalties» — mas há castigos que podem anular as «vantagens» que permitem os pontos.

Tem um pouco do «tennis» e do «ping-pong» por correlação, o que não quer dizer que as leis sejam iguais ou parecidas. O «volley-ball», de origem americana, segundo dizem, tem por tudo isto que disse e por aquilo que ainda não atingi dos seus regulamentos, grandes e merecidas probabilidades para ser, dentro em breve, das modalidades preferidas pelo nosso público. Para mais é um desporto de todos os tempos e de todos os campos...

MÁRIO AFONSO.

SUPERSTIÇÕES? NÃO!

PRESENTIMENTOS...

NO que diz respeito a jogadores de futebol, damos hoje como encerrada a série de depoimentos que colhem dos componentes de algumas das nossas principais equipas para este inquérito inofensivo e curioso.

Para fecho, têm a palavra os representantes do Vitória Futebol Clube, a simpática e gloriosa colectividade setubalense, finalista da «Taça de Portugal» de 1943 e cujo regresso ao primeiro plano do futebol português foi unanimemente saudado com sincera satisfação e referências inteiramente merecidas.

Antes, porém, de «pormos a falar» os jogadores sadinos, queremos fazer uma declaração que nos parece oportuna.

Estranharam já alguns leitores — e outros estranharão também, sem no-lo terem dito — que nesta série de pequenas entrevistas não figurem, por exemplo, todos os grupos que disputaram o último Campeonato Nacional. Informamos, no entanto, que nas cabinas, antes dos desafios efectuados na capital, fizemos aos jogadores de todos os concorrentes àquela prova as sacramentais perguntas. Várias vezes, porém, sucedeu que os jogadores, ou por não estarem «inspirados» ou bem dispostos, manifestaram o desejo de falarem noutra ocasião. E sucedia então que um dirigente — em especial quando se tratava de agrupamentos da província — ou mesmo um dos jogadores, se comprometia, pronta e amavelmente, a substituir-nos no inquérito directo, cujo apuramento nos seria oportunamente fornecido.

Esse compromisso nem sempre foi respeitado, mesmo apesar da nossa insistência pessoal a tal respeito. O tempo foi passando, a oportunidade também e, por isso, se esta secção ficou incompleta, as culpas não nos cabem. Endossámo-las a quem de direito...

É que — e é bom, até que o leitor o saiba — a gente dos jornais nem sempre encontra facilidades quando pretende informar o público. Este insignificante trabalho serviu até para confirmar o que a experiência já nos tinha feito sentir a tal respeito... A incompreensão de uns, o comodismo de outros, a indiferença de terceiros e «muitas coisas más», são dificuldades que o jornalista defronta e que o público-leitor quase sempre desconhece.

Só por estas razões o nosso trabalho ficou incompleto. É esta a altura devida para registar este esclarecimento.

Quando a pressentimentos antes dos encontros, os representantes do Vitória disseram-nos:

Idalécio — Quando vê o filhito, antes de entrar no terreno, ganha sempre...

Montes — Sucede-lhe o mesmo — mas quando encontra uma loirinha...

Armindo — Uma carreta funerária dá-lhe enguço.

Pacheco — Uma desordem na assistência constitui para ele motivo de bom agouro...

Figueiredo — Fica com maus pressentimentos se, ao entrar no rectângulo, se lembra de Szabo, o seu antigo treinador...

Rogério — Nunca perdeu um desafio quando lhe oferecem um par de sapatos... mas dos caros...

Passos — A cantiga do «Chóquinha e do Lobizão» — que não conhecemos — dá-lhe azar...

Rendas — Tem de mentir à Direcção, na véspera do desafio, para que as coisas corram de feição à sua equipa...

Francis o Júlio — Apesar de se considerar já um tanto idoso, ain ta é a presença de uma beleza feminina, nas bancadas, que lhe dá mais alento e fé.

Nunes — A boa disposição dos companheiros, antes de iniciarem a luta, provoca-lhe bons pressentimentos.

Amador — Não costuma perder um encontro se antes de sair de casa pode beijar o seu filho.

Rodrigues — Gosta de entrar no campo com o pé direito...

Tomás — Ao contrário do seu companheiro Nunes, a cantoria nas cabinas trás-lhe azar.

JOÃO LOURENÇO E EDUARDO LOPES

ganham merecidamente a corrida das «duas horas à americana»

Excelente comportamento de A. JACINTO, MARTINS e RAPOSO,
únicos homens que deram réplica aos vencedores

O público no domingo acorreu em número bastante elevado ao velódromo do Lumiar para assistir ao magnífico festival que o Sporting e o «Iluminante» ali promoveram, desta vez já com a inclusão das equipas lusitanas que representaram o nosso país em terras de Castela.

Não deu esse público o tempo por mal empregado, porque as corridas, principalmente as «americanas» de amadores e independentes, foram excelentes competições, de muito valor atlético, embora menos espectaculares que as do festival anterior.

Com duas equipas — Lourenço-Lopes e Martins-Raposo — técnica e atléticamente superiores às restantes, a corrida das «duas horas à americana» não foi tão emotiva nem tão movimentada como a do dia 25, pois a pouco mais de meia prova, o duo que saiu vencedor tinha já uma volta de avanço e o máximo de pontos possível de conquistar. Por isso, e também porque os restantes concorrentes, à excepção do endiabrado António Jacinto, atrevido como nunca a atacar, viram a impossibilidade de levar a melhor, a corrida na última metade decaiu um pouco em emoção.

No entanto, a primeira hora de prova, em que se percorreram a «bagatela» de 44 quilómetros — repare-se: 44.000 metros! — só por si chegou para valorizar, e bem, a grande competição da tarde.

Que belos «sprints» o público viu nesse espaço de tempo, sobretudo os dois primeiros, em que a luta travada entre Lourenço e Inácio empolgou a assistência! Que prazer não deu também assistir àquela marcha veloz e uniforme, mas ordenada e sem esforço aparente, imposta por Lourenço e Lopes, quando resolveram conquistar uma volta! E que pujança e combatividade aquelas mostradas por Martins e Raposo, para anularem o atraso que um furo do malveirense motivou! E então a perfeita adaptação a tal género de corridas demonstrado por António Jacinto, que chegou «a forçar» Lourenço em dois ou três «sprints»? E a combatividade dos homens do Porto, vencidos, é certo, mas que lutaram até ao limite das suas forças?

Tudo isto foram fases admiráveis, que satisfizeram o público e valorizaram o festival.

Estamos certos de que se Inácio não houvesse caído, acidente que o inferiorizou e forçou a abandonar, a luta teria sido mais cerrada, embora isso em nada viesse modificar os resultados finais. Porque as duas equipas que regressaram de Espanha são indubitavelmente superiores a qualquer formação nacional e podendo igualar-se a muitas e muitas coligações estrangeiras, daquelas que já vimos anunciadas em grandes letras, como elementos de primeiro plano de certos velódromos franceses...

Resta-nos, porém, uma dúvida: qual será o resultado da luta travada entre uma equipa constituída por Lourenço-Inácio e outras formadas por, por exemplo, Lopes-Martins e Raposo Jacinto? Mas nos arriscamos a prognosticar...

NATAÇÃO

O festival de homenagem à imprensa

Foi ideia feliz que a Federação Portuguesa de Natação teve, há quatro anos, de criar um festival especialmente dedicado à imprensa.

Esta atitude da Federação merece ser posta no devido relevo, pois denota uma preocupação exacta do que deve ser o trabalho de conjunto realizado pelos diversos organismos, em leal e estreita colaboração com a imprensa — força indispensável para que qualquer iniciativa triunfe amplamente.

No festival de domingo, o quinto da série, temos a registar, acima de tudo, os novos recordes de Rosa Lopes e de Artur Mendes Silva, dois elementos jovens em franco progresso. Rosa Lopes, em magnífica «forma», melhorou os «tempos» dos 100 e 400 metros brucos, que fixou, respectivamente, em 1 m. 44 s. $\frac{1}{2}$ e em 3 m. 19 s. $\frac{1}{2}$. Artur Mendes Silva apodori-se do recorde nacional dos juniores, e absoluto dos 400 metros-costas, no tempo de 6 m. 3 s. $\frac{1}{2}$. Foram, pois, os grandes triunfadores da jornada de domingo último.

Resultados da americana: 1.º Lourenço-Lopes, 186 voltas, 27 pontos; 2.º Raposo-Martins, 186 voltas, 18 pontos; 3.º Jacinto-Rebello, 185 voltas, 13 pontos. Desistiram as equipas do Porto, constituída por Jorge Moreira-Carvalho Marques, e a do Sporting, formada por Aristides-Inácio.

O duo vencedor ganhou todos os «sprints» oficiais e particulares, à excepção de duas embalagens para disputa de prémios particulares que foram conquistados por António Jacinto.

Novas vitórias de Mourão,
Rocha e José Jacinto

Voltou a disputar-se, e com agrado da assistência, a clássica prova dos 1.000 metros, para amadores. O sportinguista Mourão, agora a pedalar com bastante facilidade, mas talvez mercê de treinos excessivos, ganhou bem a corrida em luta, algo apertada, com Dias Santos, ainda ofegante pelo esforço despendido na sua meia final, disputada minutos antes. Foram apurados nas séries: Mourão e Mota Domingues, Espalha, Rocha e Dias Santos.

Na prova à americana, em que triunfaram Rocha e José Jacinto, a luta esteve indecisa nos primeiros minutos, tendo-se até o Sporting, por intermédio de Mourão, colocado vencedor, mercê de um bom «sprint». Mas os «iluminantes», mais duros, tentaram, primeira, segunda e terceira vez, adiantar-se, embora sem resultado, até que à quarta tentativa conseguiram isolar-se, a ponto de não serem inquietados até final.

Resultados: 1.º Rocha-José Jacinto (Iluminante), 48 voltas, 11 pontos; 2.º Mourão-Dias Neves (Sporting), 47 voltas, 9 pontos; 3.º Sporting B. Desistiu a equipa do Lisgás, constituída por Espalha e Mota Domingues.

Vitória dos Combatentes
e Sporting em iniciados

Como complemento do programa disputaram-se duas corridas de iniciados: critério e eliminação. José Faria, um novo produto «leonino», ganhou bem o critério totalizando o máximo de pontos: 17. Seguiram-se Jorge Carvalho, dos Combatentes (15 pontos) e Manuel Rodrigues, do Apolo (3 pontos).

Jorge Carvalheira, dos Combatentes, venceu justamente a corrida de eliminação, batendo na última embalagem José Madeira, do Sporting.

E assim terminou mais uma refinação no já magnífico velódromo do Lumiar, onde de futuro, noutras organizações, necessita haver mais ordem na pista a-fim-de não permitir

Outras provas houve, no entanto, disputadas com animação. Esta teve caso os 100 metros-livres seniores, bem ganhos por Bessone Junior, em 1 m. 02 s. $\frac{1}{2}$, de forma a recordar tempos já afastados. Os 100 metros brucos, também para seniores, pela luta travada entre Júlio Mendes Silva e Afonso Gonçalves, de que o primeiro saiu vencedor em 1 m. 25 s. $\frac{1}{2}$. Os 100 metros brucos, juniores, em que Palma Régio levou a melhor sobre Faria e cujo duelo foi interessante de seguir.

Nas categorias inferiores, infantis e principiantes houve o habitual entusiasmo, saído do elevado número de concorrentes e do espírito de luta que, pelo menos os mais apetrechados, sempre evidenciaram.

A uma semana dos «regionais», as provas não serviam mais do que para a confirmação do valor dos elementos mais em destaque.

Guilherme Patrone, Manuel Baptista, Malheiro da Silva, Luiz Chalupa, rmano Rodrigues, Alfredo Janardo, George Black e José Rodrigues voltaram a distinguir-se, em afirmação convincente de possibilidades futuras.

Uma das características desta festival foi a presença de nadadores «veteranos» e da velha guarda, iniciativa muitíssimo interessante e que bem merecia não ser desvirtuada. Lá estiveram Pata, Basílio, Campanela, Alfredo da Conceição, Teles, Pimenta Araújo — nomes de ontem, que, por certo, ao terminarem as provas devem ter sentido uma pontinha de saudade dos tempos que não voltam mais...

E a par deles, outros mais novos, como Cardoso, Barros, Elisio...

ABREU TORRES

que os corredores rolem em sentido contrário ao estabelecido, nem que os delegados passem pelos «releves» a seu belo prazer. Cada qual nos seus lugares — porque afinal há lugar para toda a gente...

GIL MOREIRA

Guilherme Jacinto e o «Iluminante»
triunfaram em Tires

Disputou-se no domingo o I Circuito de Tires, em que participaram corredores iniciados e amadores, do Lisgás, Combatentes, Iluminante e Alunos de Apolo.

Em amadores venceu, e nitidamente o Iluminante José Jacinto, que logrou chegar isolado à meta. Nos iniciados o triunfo pertenceu a António Leandro, um individual com bastante habilidade.

Resultados: Amadores — 1.º José Jacinto, Iluminante, 1 h. 58 m. 40 s.; 2.º Campos Avelar, Lisgás; 3.º Armando Monteiro, Iluminante; 4.º Joaquim Nunes, Lisgás; 5.º Pinto Ribeiro, Lisgás; 6.º Abreu Pedreira, 7.º Manuel Espadinha. Colectivamente venceu a Iluminante, mercê da corajosa corrida de Espadinha, que embora bastante infeliz, nas avarias, conseguiu terminar a prova. O Lisgás classificou-se em segundo lugar.

Nos iniciados o triunfo por equipas coube aos combatentes, seguido do Benfica e Apolo e individualmente a classificação ficou como segue: 1.º — António Leandro; 2.º — Manuel Calarino, Benfica; 3.º — José Pereira, Combatentes; 4.º — Domingos Jacinto, Iluminante.

CICLISMO NO PÔRTO

As equipas de ciclismo que correram em Espanha disputam no próximo domingo uma corrida de duas horas à americana, na pista do Lima, em luta com as melhores equipas do Norte.

Ciclistas espanhóis

Recebeu-se ontem em Lisboa o seguinte telegrama do «manager» Girat:

BARCELONA, 3 — Obtenção de licença militar de Lompari e Salon retardou partida. Telegrafaremos dia de chegada.

Verifica-se, assim, que os corredores espanhóis visitarão brevemente as nossas pistas.

Barreira de Sol

O público de Lisboa, saturado da sistemática apatia dos toureiros espanhóis que nos têm vindo ditimamente, delirou em excesso com a apresentação do mexicano Gregório Garcia, do fraco «cartel» na sua terra, e que veio à procura de louros, dando honestamente o que de si podia dar: valentia e vontade.

As repetições insistentes cansam, e o estimulante teve de ser recheado com uma competência forjada adrede: a do madrinheiro Pepa Dominguito, que ao primeiro encontro marcou alguns tentos a seu favor.

Repetiu-se o cartaz, mas desta vez perderam os dois contendores, francamente desconfiados e receosos dos novilhos de Infante da Câmara, de más condições para a lide, mas que acuseram esta e nervo.

Gregório defendeu com uma competência a areola que os seus incondicionais lhe haviam criado. No seu primeiro, dominado por autentico pavor, deu-nos a fiel imagem de uma «espanta» de puro estilo Rafael Gallo. No seu segundo, que era bravo e codicioso, por a descoberto a fragilidade dos seus recursos em matéria de domínio da muleta, sendo colhido sempre que tentou parar e correr a mão para mandar o inimigo.

Dominguito, mais vivo e com mais vista, tapou com alguns alardes sem consequências a sua falta de «gana» para se arrimar e tourear a sério.

Resta em boa justiça uma modesta menção honrosa ao novilheiro Caturro «Ch-ni» que com o c-pote e a muleta apontou apreciáveis qualidades de toureiro em respectiva.

João Nâncio inferior a si próprio.

J. E.

os "Cossacos" de Torres Novas

A destreza dos nossos cavaleiros admira-se melhor ainda se se assistir em Torres Novas, na Escola Prática — centro de instrução da cavalaria portuguesa — aos exercícios dos nossos oficiais da especialidade.

Por ali passam todos os cavaleiros militares — oficiais e aspirantes tirocinantes — os quais, além de se exercitarem na arte de bem cavalgar e de ficarem aptos ao cumprimento dos deveres impostos à natureza da especialidade a que foram destinados no exército, se tornam os brilhantes cavaleiros que tanta vez nos têm honrado além fronteiras.

Muita geite desconhece a importância e a difícil instrução e treino a que são submetidos os valentes cavaleiros.

Quando os vemos nos nossos concursos ou em desfiles do exército, ou tomamos conhecimento das suas brilhantes proezas em torneios hípicas no estrangeiro, não adivinhamos o valor dessa instrução e treino na Escola de Cavalaria. E, no entanto, a beleza e a audácia desses exercícios é tão grande — e a fama justifica-se absolutamente — que um jornalista alemão, o cavaleiro Leopold Fiedler, em interessante crónica publicada na revista «Deutscher Reiterhof», de Berlim, chama-lhes os «Cossacos de Torres Novas».

São exercícios arrojados, que nos fazem de facto lembrar as mais fiéis e emotivas descrições da valentia e arrojo dos célebres cavaleiros russos. Não devem deles desmerecer estes nossos «cossacos».

A par do seu excelente aspecto físico, onde claramente se nota cuidado e necessária vida de ginástica, os cavaleiros da Escola Prática são impressionantemente corajosos.

Assistir a um exercício na Escola Prática de Cavalaria de Torres Novas representa viverem-se algumas horas de grande emoção, acabando por nos maravilhar a série de provas executadas, não só pelos oficiais considerados na categoria de cavaleiros especiais, mas por todos os alunos. As mais difíceis destas provas são prestadas por todos!

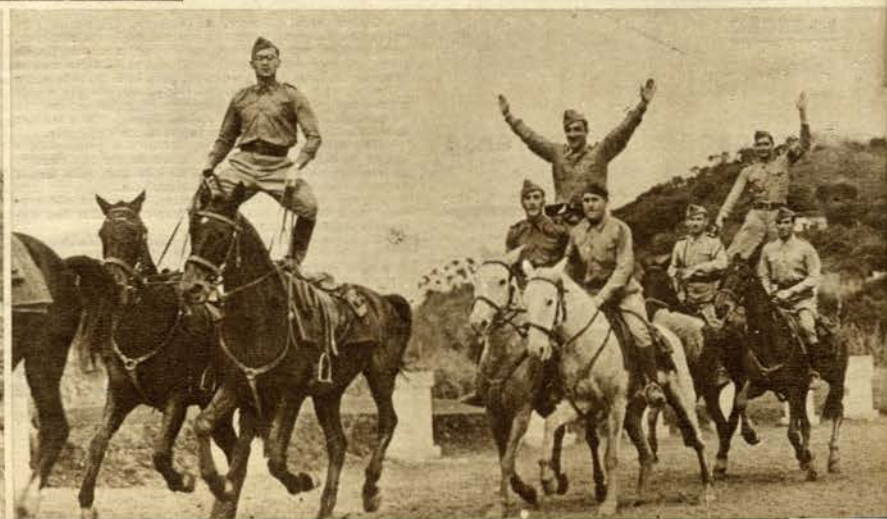
Desses exercícios destacamos o que é executado num terreno acidentado, com encostas muito pronunciadas. Um cavaleiro surge numa altura de seis metros em terreno cortado a pique. A hesitação do cavalo responde a pronta insistência do cavaleiro — e um belo salto, cheio de elasticidade, pelo ar, coloca, cavalo e cavaleiro, com segurança, depois de tão forte impulso, no fim da encosta, não sem que, no decorrer do salto, o cavaleiro faça correcta continência...

Os exercícios acrobáticos — apellidemo-los assim — merecem igualmente a melhor atenção, e não cremos que cavaleiros de outra parte do mundo os executem com mais perícia, correção e serena coragem.

Salto em sela, um a dois homens num cavalo, formando os cavaleiros em pirâmide; saltos sobre um declive com fossa de água; cavalgada em pélo, só com uma cabeçada e ferros; exercícios de volteio com arrelo; e uma série de outros belíssimos exercícios que não devemos esquecer a descida das escadas do Castelo de Torres Novas, a galope, exercício que entusiasma — e arreple... — pelo seu forte aspecto de emoção.

As fôtos que publicamos (extraídas, com a devida vénia, da revista que citámos) foram feitas durante um desses exercícios na Escola Prática de Cavalaria. Fixam, mais sugestivamente, a coragem, a decisão e o valor dos nossos cavaleiros militares.

«Stadium», revelando os «cossacos» de Torres Novas, presta homenagem à cavalaria portuguesa — que no cumprimento do dever prestigia um desporto que tem em Portugal as mais belas tradições e os mais belos triunfos!



J. Guilherme, N. Faria e C. Pereira que bateram o "record. nacional dos 3 x 250 metros



A. Silva, do Salgueiros, que obteve o "record., dos 700 metros

A. M.ºrais, de Braga, que bateu também o "record., de saltos em altura



A equipa de Braga, que venceu o torneio



Na despedida de F. Adrião no Porto

BOXING

Nova vitória de Amar Bigar

PELO aspecto que apresentava o Estádio Mayer, pode dizer-se que o público aficionado não faltou.

Mateus lançou um repto, para um combate de desforra, ao pugilista marroquino Amar Bigar. O repto foi levantado com a condição, porém, de que os pesos dos contendores estivessem dentro dos limites dos "pêso leves.". No "match", que já travaram, Mateus perdeu aos pontos.

Os combates da sessão de sexta-feira forneceram os seguintes resultados:

Eduardo Alves (57,700) bateu aos pontos Costa Négus (56,600). Arbitro — W. Pressler. Em boa verdade deve dizer-se que nem um nem outro souberam "entrar., na devida altura, nem atacar quando a ocasião fôsse mais favorável. Contudo, Eduardo Alves foi mais preciso do que C. Négus. Conduziu mais tempo. Vitória justa de Eduardo Alves.

Kid Levy (55,00), ganhou por pontos ao marroquino Abdeltif (55,800). Arbitro — Jordão França. Kid Levy apresentou-se melhor preparado que no último combate que travou — com maior noção das circunstâncias. Atacou logo no 1.º assalto mas Abdeltif não se desconcertou com os ataques do seu adversário e respondeu sempre. Justa vitória de Kid Levy.

Diamantino Gama (72,300) bateu por K. Q., ao 6.º assalto, António Figueiredo (66,800). Arbitro — Alberto Maléque. Ambos pareciam hesitantes, tocando o adversário mas não continuando, mesmo quando em condições vantajosas. Figueiredo andou melhor que Gama nos 5 primeiros "rounds.,; acertou mais golpes e com maior precisão. Por vezes, no fim dos assaltos, a diferença de pêso, favorável a Gama, impunha-se — e Figueiredo não acabava tão bem como tinha começado. No último "round., Gama tocou fortemente Figueiredo, mas então teve bons reflexos, continuou, e, depois de acertar bem uns golpes, levou o adversário a K. O. Gama estava com nítida desvantagem de pontos; esta foi, portanto, a maneira de vencer.

Alfredo de Oliveira, (61,900), desistiu no 3.º assalto. frente ao marroquino Amar Bigar, (60,800). Arbitro — Pierre Charles. Amar Bigar reapareceu... sendo o mesmo Amar Bigar. Desconcertante, calmo, frio, venceu facilmente. O 1.º assalto serviu ao marroquino de estudo. Esperou os ataques de Oliveira, notou-lhe os movimentos e no 2.º "round., atacou e tocou-o, pouco mas de modo eficaz. E, assim, no 3.º assalto, Oliveira, depois de estar 9 segundos no tapete, levantou-se e desistiu, derrotado pelos certos golpes de Bigar.

Domingos Figueiredo (57,500) e o espanhol Alpañes (55,200) fizeram "match" nulo. Arbitro Xaxier de Brito. Figueiredo atacou de entrada e Alpañes respondeu de igual modo; contudo, Figueiredo tocou maior número de vezes. O árbitro deu o combate como nulo, mas Figueiredo marcou mais pontos. Pelo seu espírito combativo e pela tenacidade com que jogou, Domingos Figueiredo merecia com justiça a vitória. Além disto, Alpañes, com certas atitudes que tomou, impróprias de um desportista, mostrou falta de correcção — que o desclassificou.

Miguel França, campeão nacional dos leves

O campeonato nacional da categoria dos leves estava determinado que seria decidido entre os pugilistas Manuel Matos e Miguel França. Trataram-se as questões qua a tal organização respeitavam mas não se chegou a acôrdo sobre a parte financeira. Resolveu a Federação o problema: organizou o combate "à porta fechada" no Estádio Mayer, no passado sábado. Contudo, o "match" não chegou a realizar-se, por Matos ter apresentado um certificado médico que o considerava em condições físicas não satisfatórias para tal empresa. Por via disto, foi Miguel França proclamado, no local e hora aprasada, pela Federação Portuguesa de Box, campeão nacional da categoria dos pêso leves. Em seguida, procedeu-se às respectivas formalidades.

SOUSA MARQUES

UMA semana de intervalo não fica mal entre a última apresentação dos aspirantes a campeões e a primeira descida à pista dos atletas consagrados, intervalo que serve para acalmar a excitabilidade dos apaixonados cujos ídolos baquearam e para permitir também uma análise mais profunda e calma dos acontecimentos, — que permitirá em certos casos pôr de acôrdo a verdade dos factos e a interpretação fantasista de algumas críticas precipitadas da segunda-feira imediata.

Vamos às generalidades e deixemos o pormenor mais para diante.

Pu supponho — e muita gente de averiguado bom senso concorda comigo — que é inútil sistema enaltecer os favoritos e fazer a apresentação deturpada dos acontecimentos, desvalorizando o esforço dos adversários e apresentando como factil aquilo que foi difícil e, portanto, bem mais meritório. Por meu lado, quando quero pôr em flagrante a classe de um vencedor, exalto com a justiça devida a resistência oposta pelos vencidos.

Eis a razão por que me insurjo, invariavelmente, quando deparo com anomalias como esta que vou apresentar aos leitores.

Recordam-se da esplêndida fotografia publicada no passado número da «Stadium», que reproduzia a renhida chegada da estafeta de 3 x 300 metros, com Meleio e Castilho quasi na mesma linha, em magnífico esforço? Vamos contar-lhes, invocando o testemunho de «todos — menos um» espectadores do Lima, a luta que precedera: Metelo entrou na recta final com o mínimo de três metros de avanço, que Castilho roeu centímetro a centímetro, empolgando o entusiasmo do público, e Metelo defendeu com desesperada energia. Ao cruzarem a meta a diferença era mínima, ajuda a favor do benfiquista, mas um metro mais de percurso e a situação estaria invertida.

Agora comparem a descrição de uma crítica de segunda-feira, que reza assim: «Aos 150 metros Castilho aproxima-se. A entrada da recta final Metelo acelerou e conseguiu destacar-se novamente».

E tal e qual a verdade, com a diferença de ser ao contrário...

Abreu Lima foi a figura mais destacada dos campeonatos e as suas vitórias nas corridas de velocidade e os magníficos percursos nas estafetas constituíram momentos de beleza atlética, que não esquecerem.

O combricense tem excepcionais aptidões naturais, é possante, rápido, combativo, mas não está atada — e não admira nem diminua merecimentos a ninguém — suficientemente aperfeiçoado; mais uma ou duas épocas de trabalho, em busca da descontração no esforço, e teremos um sério candidato aos máximos títulos de 200 e 400 metros.

Na pista do Lima, o que mais me impressionou foi a energia e decisão com que se lançou de ambas as vezes em vitoriosa persegução do perigoso rival que, nos 80 e mais atada nos 150 metros, se antecipava ao tiro.

O ensino da natação no

FEMININO ATLÉTICO CLUB

COM a presença de um bom lote de alunos inaugurou-se na passada semana, sob a proficiente direcção de Francisco Brito, a escola de natação da «FAC» que ha anos, por especial deferência, se effectua no tanque da Companhia de Fiação e Tecidos do Porto.

O facto serviu de pretexto para que a direcção do «FAC», com gentileza própria de senhoras, realizasse uma apreciada merenda, para a qual foram convidados os representantes da Empresa proprietária do tanque, a Associação Portuense de Natação, o Grupo de Propaganda da Natação e alguns jornalistas. Pelas prosperidades do «FAC» brindou o sr. Pereira da Costa, da direcção da Companhia de Fiação, agradecendo num improvisado distinto a presidente do Feminino, sr.^a Dr.^a Maria Emilia Leite.

Em nome da Imprensa, falou o nosso representante na capital do norte, sr. Mário Afonso, que elogiou a obra desenvolvida pelo «FAC», afirmando e garantindo o apoio da Imprensa à sua brilhantíssima tarefa.

ATLETISMO

Ainda os nacionais de júniores

Figuras e factos, interpretações e verdade.
Um lote de novos, animadoras esperanças.

Comentários do Dr. SALAZAR CARREIRA

Não foi Abreu Lima quem partiu atrasado; na opinião geral foi Eleuterio quem fugiu adiantado nas finais.

O problema dos juizes de partida é sempre melindroso, e aquêle que prestou serviço no Porto — sendo, sem dúvida, o mais apto de todos — falhou, como succede a qualquer pessoa, e não pode por isso ser culpado. Prejudica-o, no juizo da opinião pública, o facto de ser treinador de determinado clube, o que leva a supor que os respectivos atletas estão habituados ao seu ritmo.

O juiz de partida official devia ser pessoa independente da actividade clubista.

A equipa encarnada dos 3 x 1.000 metros, pela falta de um adversário que a apertasse ou de tabela de marcha para os seus componentes, não conseguiu sequer aproximar-se de um «record» que se supunha ao seu alcance.

O tempo realizado, 8 m e 35 s., foi bastante pior que o dos regionais, prova talvez do mau estado de certo sector da pista; porque esperavamos marca de realce, tivemos a curiosidade de tomar os tempos aos três corredores — e aqui os registamos: Costa

Coisas do «Boxing»...

Do distinto secretário-geral da prestigiosa Federação Portuguesa de Box, fundada em 1914, com sede e secretaria (provisória) na rua de São João da Praça, local cheio de tradições nesta nossa Lisboa, recebemos a seguinte interessante carta, que por falta de espaço só hoje podemos publicar.

Fazemo-lo, porém, com o maior prazer — a pesar da exigência, — porque se trata de documento muito interessante, pleno de equilíbrio e eloquência, de tal forma que o damos à publicidade sem lhe alterar sequer uma vírgula — como nos cumpre perante a elevação da sua forma:

Sr. Director: Na revista de que V. é Director veio publicada em 7 do corrente, uma local em que é visada esta Direcção.

No legítimo direito que nos é conferido pela Lei da Imprensa, exigimos que seja publicada a seguinte resposta:

«A Federação Portuguesa de Box, não compete promover os campeonatos regionais, mas somente os campeonatos nacionais.

Muito embora esta Federação não dê lições a aprendizes de «box», informamos o digno jornalista que escreveu o artigo que a organização dos campeonatos regionais é da competência das respectivas Associações, as quais, quer a de Lisboa, quer a do Porto, os estão preparando, para que, apurados os respectivos campeões, a Federação possa organizar os Nacionais.

Na realidade a Federação castiga os seus filiados para manter a disciplina. Mas quem escreve (sic) sem bases, em qualquer jornal, um acervo de asneiras, não merece castigo? E quem castiga o jornalista?»

Muito grato desde já pela publicação desta carta, informamos V. que se o não for entregarmos o caso ao nosso Consultor Jurídico, para que por intermédio das entidades officiais competentes, o assunto não fique no esquecimento.

Sem outro motivo, somos

A Bem do Pugilismo

Pela Federação Portuguesa de Box

a) JACINTO DUARTE — Secretário geral

Voltaremos ao assunto...

Pereira, 2 m. 50 s.; Herlander Paixão, 2 m. 54 s.; Adriano Gomes, 2 m. 51 s. — com possibilidade de diferença de décimos, visto termos conservado o cronógrafo sempre em marcha.

As outras equipas benfiquistas venceram também, embora com mais empenhada luta (por um peito escasso a de 3 x 300 m.; por um metro, quando muito, a de 5 x 80 m.) as suas estafetas e este conjunto de triunfos demonstra o real valor do invencível conjunto clubista, que não beneficia de um ou outro atleta excepcional mas dispõe de nú leo abundante e equilibrado de homens de classe e bem preparados.

Os júniores deste ano pareceram-me de óptima classe; do lote destacarei, considerando-os com estofo para conquistarem «records» na categoria — Abreu Lima, Coutinho, Alvaro Dias, António Santos, Luis Pinto Basto e José Luis Nunes da Silva, não citando Eleuterio e João Silva porque já são «recordsmen».

Anoto, de passagem, que o alcance de Pinto Basto é dos melhores conseguidos em Portugal com a esfera de cinco quilos; no nosso arquivo apenas encontramos quatro que lhe são superiores: 16^m,45 pelo senior José Garnel, em Coimbra; os 15^m,19 de Mário Ferreira dos Santos, que constituem «record» da categoria; 15^m,03 pelo senior almadeense Romeu Correia; e 14^m,85 pelo principiante sportinguista Emídio Ruivo.

Aos amadores de estatística diremos que além destes e dos recentes 14^m,31 de Pinto Basto, só mais dois atletas ultrapassaram os caatorze metros: Nelson Gomes, do Académico, com uns 14^m,20 que nunca mais aproximou sequer; e Mário Marques Aguiar, de Braga, com 14^m,11. Na tabela segue-se depois o belenense Armando Braz, com 13^m,87.

Não posso terminar estas apreciações sem referir a satisfação resultante da presença das apresentações de Coimbra e Porto e da réplica valorosa que deram à forte coligação lisboense; Braga, em contrapartida, ficou à quem dos seus resultados passados.

Coimbra, por intermédio apenas dos atletas académicos, conquistou dois títulos, 3 terceiros lugares, 1 quinto e 1 sexto; o Porto, com dois clubes a somarem, obteve outros dois títulos, 2 segundos, 1 terceiro, 4 quartos, 2 quintos e 3 sextos lugares; Braga limitou-se a 2 terceiros classificados — e o restante veio para Lisboa.

A matéria prima da provincia deu excelente prova e deixa anteveer possibilidades de progresso e desenvolvimento do atletismo, capazes de restabelecer antigas emulações e novas rivalidades. E apenas questão de persistência e bom critério orientador dos dirigentes, apolado devidamente pelas entidades superiores.

COIMBRA

Campeonatos Regionais de Natação

REALIZOU-SE na passada quinta-feira a primeira jornada das três que comportam os campeonatos regionais e à qual concorreram 6 clubes.

Como sempre, bastante assistência ocorreu a presença de 13 provas, das quais a de 100 metros livres seniores homens tinha grande expectativa. Esta não foi iludida, pois o vencedor, Luiz Lopes da Conceição, fez o tempo de 1^m, 9^s, e 3/5, batendo o «record» da região, que pertencia, desde 1938, a Emílio Martins, da Associação Académica, com o tempo de 1^m, 11^s.

Numa eliminatória dos 100 m. livres principiantes, Paulo de Moura Ralvas, um infantil do passado, percorreu a distância no promotor tempo de 1^m, 19^s, e 4/5. Já são campeões regionais: Luiz Lopes da Conceição, nos 400 m. livres juniores, e Manuel Gaspar, nos de seniores; Olinda Rodrigues, nos 100 m. brucos principiantes; Luiz Lopes da Conceição (que passava a senior) nos 100 m. livres seniores homens; Isabel Costa, nos 100 m. livres seniores; Isabel Ferreira, nos de juniores; a equipa do União nos 4x66 livres medinas; e a equipa da Académica, nos 4x100 livres principiantes homens.

O panorama geral da natação conimbricense

MERCE de conduta especial e de certo conjunto de directrizes que apreciaremos adiante, trabalho que dura há oito anos, sempre dirigido no melhor sentido — Coimbra tornou-se, por mérito próprio, o melhor núcleo natatório do país — a seguir a Lisboa.

O facto já tem sido por diversas vezes apontado nestas colunas. Mas o problema reveste-se de tal magnitude que nunca é demais accentuá-lo.

Ora Coimbra teve, na «Noite das Estafetas», uma demonstração eloquente daquilo que vale dentro da natação lusitana. Com meia dúzia de treinos, os nadadores conimbricenses tiveram nessa jornada comportamento brilhante, arrancando alguns segundos lugares.

Naquilo que mais nos interessa, e naquilo que mais apreciamos — o nível técnico do nadador — deixaram-nos a melhor das impressões.

Ávidos de saber pormenores, procurámos os representantes da cidade do Mondego no dia imediato ao das provas.

Com todos, de maneira geral, com Artur Fernandes Rodrigues — chefe da equipa — em especial, conversámos durante mais de três horas. Os problemas inerentes à natação vinham, uns após outros, para serem tratados e analisados. Muito colhemos dessa conversa sob todos os pontos de vista. E pelas informações que gentilmente nos forneceu o nosso amigo Fernandes Rodrigues coligimos apontamentos que nos permitem arquivar um pouco da história da natação na bela cidade do Mondego.

Em 1935...

Com a construção da praia artificial do Mondego, em 1935, a natação em Coimbra deu os seus primeiros passos. Foi nesse ano que se construiu a piscina, ainda que sem bancada, e nela se exibiram os nadadores do Pedrouços e do Nacional. Como já existia o tanque da Associação Académica e havia, portanto, quem soubesse nadar, fizeram-se umas pequenas provas reservadas a nadadores regionais, que pouco tempo depois se exibiam na Curia. E ainda neste ano que se funda a Associação de Natação de Coimbra.

Em 1936 é já elevado o número de clubes inscritos e trabalha-se, sobretudo, no sentido de criar nadadores vindos da categoria infantil — processo que deu, aliás, resultados excelentes.

No ano de 1937, Coimbra faz-se representar nos campeonatos nacionais de natação, na Covilhã, por intermédio da Associação Académica, a convite da F. P. N.

A Associação de Natação faz, nesse ano, a sua primeira grande organização: o I Coimbra — Figueira da Foz — Aveiro, ganho por Coimbra, com grande margem de pontos.

Na época de 1938 Coimbra recebe o encargo de organizar os campeonatos nacionais de natação, que des-penaram extraordinário interesse e aos quais o público correspondeu admiravelmente. E ainda em 1938 a Associação Académica vai à Figueira, a convite do Sporting Figueirense, exhibir-se numa piscina que já desapareceu.

Este ano marca o início do verdadeiro progresso da natação em Coimbra. É nessa altura que Luis Fidalgo faz, nos 66 metros-bruços, infantis, o melhor «tempo» português.

Inteiramente satisfeita com a Associação de Natação de Coimbra, a F. P. N. de novo organiza na época seguinte, 1939, os campeonatos nacionais na piscina do Mondego.

E a Aveiro voltam no ano seguinte, 1940, a fim-de disputarem o Coimbra-Aveiro, em duas jornadas, nas quais triunfam também com larga margem de pontos.

Coimbra, no entanto, mostrara, de maneira inconfundível, as suas qualidades organizadoras e, por isso, em 1941, de novo e teatro dos campeonatos nacionais.

Desenvolvendo actividade incessante, re-

ce-bea vista do Sport Algés e Dafundo e organiza e ganha o II Coimbra-Aveiro.

Na temporada seguinte, registam-se novas visitas — do Alhandra Sporting Clube e Sport Algés e Dafundo — das quais guardam as melhores recordações. Havia grande interesse em ver Mário Simas — e a lotação esgotou-se.

Os representantes de Coimbra ofereceram, nalgumas provas, boa luta ao Algés. Fidalgo, por exemplo, venceu Azinhais, nos 100 metros-bruços, numa prova memorável.

Nomes a destacar

Tudo na vida tem as suas dificuldades. E o «caso» de Coimbra não foge à regra. Por detrás dos «tempos» de valor dos seus nadadores está o sem número de dificuldades vencidas, de sacrifícios incalculáveis, um esforço que só o amadorismo, o interesse desinteressado — passe o trocadilho — consegue vencer.

Homens de todas as categorias sociais têm dado a sua quota parte de trabalho. Registemos os nomes de alguns, a título de homenagem — que bem justa é.

Citaremos, sem desprimor para os outros, que muitos são, os nomes de Vergílio Mota; dr. João de Sousa; engenheiro Gourinho, que treinou a primeira equipa da Académica; Elísio Rodrigues que, numa escola dos Sindicatos Nacionais, pôs muita gente a nadar; António e Feliciano Gaudêncio; António Brito e Manuel Camões.

Uma referência especial para o dr. Moura Relvas, actual presidente da A. N. C., homem de grande prestígio e a quem a natação conimbricense muito deve.

Como muito deve também a Pereira da Costa, presentemente no Porto, onde tudo indica que acabará com o caos em que se encontra a natação portuense.

A lista seria maior, muito maior mesmo, mas há que terminá-la com a merecida e justa referência à Câmara Municipal.

Campeões de valor firmado

E citemos agora alguns nadadores «feitos» em Coimbra, que figuram entre os melhores do país.

Luis Conceição, «recordman» regional de 200, 300, 400, 800 e 4 x 200 metros-livres, e 100, 200 e 400 metros-costas; Luis Fidalgo, «recordman» nacional de 100 e 400 metros-bruços juniores, e regional de 200 metros-bruços e 4 x 200 livres, e nacional de 100 metros-bruços, da «M. P.»; Adelino Lebre, o mais veloz nadador de Coimbra, «recordman» regional de 100, 200 e 4 x 200 metros-livres; Celestino Soares, «recordman» nacional de 400 metros-bruços e 1,500 metros-livres juniores e regional de 400 metros-bruços; Manuel Gaspar, «recordman» regional de 300, 1,500 e 4 x 200 metros-livres, seniores, a quem a natação em Coimbra deve inestimáveis serviços como praticante, como propagandista e como treinador dedicado da Académica e da «M. P.»; e António Santos, bom nadador de fundo, «recordman» regional de 4 x 200 metros-livres.

Citemos ainda os infantis Druval Mota, Moura Relvas e Alvaro Brito.

A natação feminina atingiu, igualmente, craveira notável. Vejamos: Natália Velga, campeã nacional de 100 metros livres em 1940, de 400 em 1941, de 100, 200 e 400 em 1942; Ilda Raposo, detentora do «record» regional de juniores de 100, 200 e 400 metros-bruços e 2.º classificada nos campeonatos nacionais, apenas batida por Silvina Vieira Alves; Maria Isabel Costa, campeã nacional de 100 metros-costas em 1941 e 1942 e detentora do «record» nacional de 100 e 200 metros-costas, juniores; e Maria Isabel Ferreira, também detentora do «record» nacional de 300 metros-livres, juniores.

Todos estes nadadores possuem nível técnico apreciável. Basta dizer-se que em Coimbra, nas provas de «estilo-livres», só se nada

EU bem sei que tudo se transforma. Lá o ditos o velho Lavoisier... Mas parece-me que esta nova moda de nós, mulheres, nos transformarmos também, ou acaba breve, ou acabará mal... E... — Deus me perdoe — supponho que o sábio se enganou... Se não estou em erro, proclamava de que «nada se perde, nada se cria, tudo se transforma»; ora, pelo caminho que a mulher leva na prática de certos desportos, «cria» músculos de homem e «perde» a graça feminina...

Estamos na era do «ersatz», sob o império do «swing»; em cada rapariga de hoje está marcado o cunho infundível da época; em cada uma, está imprimida nos músculos a dureza do momento que atravessamos, tal como na epiderme os prodígios da química; mas assim mesmo, estilicadas e duras, afotas a todas as tempestades e a todas as lutas, julgo poderemos guardar um pouco de equilíbrio nos impulsos que ainda não sabemos reprimir.

Quando a mulher século XX saltar para o «ring» e iniciar um «match» de «box», não lhes parece que deixa ao mesmo de ser mulher? Pode ficar-lhe muito bem o nariz achatado e as pernas cheias de altos e baixos — é uma questão de gosto... — mas, na utopia de querer vencer pela força física, empregando-a brutalmente e sem elegância nenhuma, esquece-se do sentido feminino, da graça e harmonia que lhe são próprias. E quando digo graça e harmonia, não me refiro ao sentido superficial destas palavras; a mim parece-me que nós, mulheres, somos reservatório de forças espirituais indispensáveis ao mundo: somos nós que pela nossa sensibilidade, pelo nosso «sexto» sentido — ou sentido feminino, como lhe queiram chamar — tornamos a vida mais doce, mais harmoniosa, menos brutal; são essas qualidades que se traduzem no campo material por uma delicadeza inconfundível que nenhum homem jamais poderá alcançar.

Ora, creio que é contraditória com essa missão, que a natureza nos designou, a prática de certos desportos que não têm nada de delicado nem de belo; principalmente daqueles que se fundamentam apenas na força. E a noção da força que leva o homem ao combate. E daí que provém a guerra. É por isso que o homem mata...

Que nós, mulheres, não lhe sigamos no encalço; que nos tornemos ágeis e fortes, sim, mas que saibamos escolher o «nosso caminho», que saibamos eliminar da lista dos desportos que se praticam aqueles que nos não são próprios e que nos masculinizam, sem que lhe possamos dar um pouco de Beleza.

ANABELA

o «crawl», facto que, por nem sempre se verificar em Lisboa, diz bem do alto critério dos dirigentes conimbricenses.

Lutam, todavia, com uma grande necessidade, que não conseguiram ainda demover: uma piscina de inverno. Com ela, a natação atingiria o maior desenvolvimento.

A presente época

Durante a presente temporada visitarão a cidade do Mondego nadadores do Algés, do Alhandra e do Estoril Praia. Realizar-se-á o encontro Coimbra — Aveiro e nadadores de Coimbra exhibir-se-ão no Luso.

Acima de tudo salientaremos o facto de a A. N. C. começar esta época com a prática do «water-polo». Alguns dos nadadores que vieram há pouco a Lisboa ensaiaram na piscina de Algés vários pormenores do emotivo jogo. Coimbra está, pois, disposta a difundir a modalidade e a fazer disputar nesta época um torneio inter-clubes.

O sr. Artur Rodrigues assegurou-nos, com evidente satisfação, que em Coimbra há «clima» propício á prática do «water-polo». Tanto melhor.

Oxalá a iniciativa vá por diante...

Está dito o principal. Pelo que fica exposto avaliará o leitor como se trabalha em Coimbra pela natação e verificará qual a obra que já ergueram os seus paladinos — e que delixamos aqui sublinhada como merece.

ABREU TÔRRES

Stadium

**ROSA LOPES
DO ATLÉTICO**

nadadora que tem feito exibições
notáveis este época
(foto C. Madeira)

